

COMO NOS VEIO A BÍBLIA?

Edgar J. Goodspeed

INTRODUÇÃO

Convite de meu velho amigo, Dr. Lucius H. Bugbee, para preparar uma série de lições sobre a formação, transmissão e tradução da Bíblia resultou num curso de treze lições sob o título: “O Crescimento da Bíblia,” que aparece no número de Outono da revista “The Adult Bible Class Monthly,” do ano de 1940. O Dr. Bugbee e o Dr. Langdale generosamente propuseram que as lições fossem agrupadas em um volume e eu acatei alegremente a sugestão.

Estes estudos não são uma tentativa para narrar como os diversos livros da Bíblia foram escritos; mas somente como, uma vez escritos, eles vieram a grupar-se e formar a grande biblioteca religiosa que conhecemos como o Velho e Novo Testamentos, e os livros apócrifos, sua história através dos séculos até nossos dias. Estas são questões que surgem em muitas mentes pensantes, requerendo a melhor resposta que o saber pode encontrar. As respostas, tanto quanto podemos dar, formam aquilo que me parece história muito interessante.

Edgar J. Goodspeed

Bel-Air, Los Angeles

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Edgar Johnson Goodspeed não necessita apresentação. Nasceu em 1871, doutorando-se na Universidade de Chicago em 1898. No mesmo ano tornou-se professor da Faculdade de Teologia da mesma Universidade, no Departamento de Novo Testamento. Em 1915 foi nomeado Professor Catedrático de Novo Testamento. Em 1933 foi designado “professor distinto” da cátedra “Ernest D. Burton” de grego patrístico da qual se tornou professor emérito ao aposentar-se em (1953).

Visitei a Universidade de Chicago no verão de 1954. Pelos corredores vetustos da Faculdade de Teologia paira o espírito erudito do Dr. Goodspeed. Sua obra é imortal. Autor de mais de cinquenta volumes sobre a Bíblia e seu significado, é ele conhecido através do mundo inteiro. Uma das mais belas e ricas coleções de manuscritos bíblicos dos Estados Unidos, a da Universidade de Chicago, recebe agora seu nome como homenagem ao grande erudito. Sua obra prima é, sem dúvida, sua tradução do Novo Testamento, publicada em 1923, padrão de literatura inglesa.

A pedido da Junta Geral de Educação Cristã tive a honra de traduzir seu livro “How Came the Bible?”, agora publicado nesta tradução. Embora técnico, é este livro de leitura tão agradável como a de um romance, graças ao gênio do autor. Embora creia seja mais útil à Igreja um livro diretamente em português em lugar de um publicado em tradução, concordei em traduzi-lo. Creio também que lucraríamos mais embora com mais alguma demora, se pudéssemos publicar um livro sobre o assunto, escrito especialmente em termos de nosso povo e suas necessidades, pois o livro do Dr. Goodspeed foi escrito especialmente para os Estados Unidos, enfatizando principalmente o que se tem feito no campo das traduções da Bíblia para o inglês, quando a nós é igualmente interessante o que se deu na França, Itália, Espanha e muito particularmente em Portugal e no Brasil. Esta falta tentamos suprir, em parte, com a substituição do Capítulo X, por um outro intitulado “A Bíblia em Português,” escrito pelo tradutor a pedido da Junta Geral de Educação Cristã. O Capítulo X é de interesse restrito aos países de fala inglesa.

Outrossim, o Dr. Goodspeed deixa de lado as mais recentes descobertas, aliás, importantíssimas, no campo da crítica textual: teorias novas, estudos dos manuscritos, tipos de textos e versões que têm alcançado invulgar progresso nestes últimos vinte anos.

Julguei oportunas algumas notas explicativas ao pé da página a fim de esclarecer certos pontos que se tornariam obscuros nesta tradução para o português sem os esclarecimentos que o leitor americano possui, pois o livro foi escrito em inglês, e particularmente porque Goodspeed está vivendo naquela parte do mundo onde grande porção dos feitos descritos têm lugar. Esta tradução não quer dizer que o tradutor concorda inteiramente com o autor em toda a sua exposição.

B. P. Bittencourt

Capítulo I

OS LIVROS DA BÍBLIA

A Bíblia é tão onipresente no mundo de hoje, sempre encontrada nos púlpitos, em milhares de lares e bibliotecas, que corremos o perigo de tratá-la como um objeto comum. À medida que envelhecemos, muitas vezes nos ocorre indagar como esse livro chegou até nós; como encontrou seu caminho, desde os profetas e legisladores de Israel, desde os apóstolos e evangelistas cristãos até nós, neste século vinte.

Pois eles a escreveram em hebraico e grego com um propósito, e nós a lemos em português. Por outro lado, seus sessenta e seis livros não foram escritos de uma vez, com a finalidade de fazer-se uma Bíblia, mas em intervalos, durante cerca de mil anos e em lugares ao longo do caminho que ia da Babilônia a Roma. Como esses livros vieram a encontrar-se e a ser agrupados, e como eles vieram a possuir esse respeito e autoridade peculiares que geralmente lhes são atribuídos?

Nem tão pouco, os trinta e nove livros do Velho Testamento, embora escritos por um, alcançaram imediatamente a dignidade de Escritura. Alçaram-se àquele nível, em sua maioria, gradualmente, depois de um desenvolvimento histórico no qual provaram seu valor religioso. Como e quando eles começaram a ser assim considerados, e quais foram os estágios do extraordinário desenvolvimento que deu o Velho Testamento, primeiro ao povo judeu e depois à Igreja Cristã?

Devemos lembrar que um livro antigo era em forma de rolo – assim como os judeus os fizeram, rolos de pele, polida de um lado no qual se escrevia. Estes poderiam ser de comprimento quase inconveniente; a Jesus foi entregue na sinagoga “o rolo do profeta Isaías,” e ele “encontrou o lugar onde estava escrito” – coisa difícil de fazer na longa série de colunas daquele livro, cujo texto impresso soma 125 páginas grandes e o rolo hebraico teria não menor número de colunas, sem número para indicar capítulos, letras maiúsculas ou número de colunas (pois não havia páginas) para auxiliar o leitor em sua procura.

A Bíblia hebraica – O Velho Testamento – como Jesus a conheceu, consistia de doze a vinte rolos de diferentes tamanhos. Eles jamais foram unidos naquilo que poderíamos chamar “livro” até que a invenção da imprensa no século quinze tornou isto possível. De fato as Escrituras Sagradas preservadas nas arcas das sinagogas judaicas de hoje são ainda rolos e não livros de folhas como se usa modernamente.

Assim uma “Bíblia” como nós a conhecemos, mesmo a Bíblia hebraica, contendo o Velho Testamento na sua totalidade, era desconhecida entre os judeus da antigüidade. Os livros que lhe pertenciam não eram fisicamente unidos como o são hoje; eles existiam em rolos, um contendo o Pentateuco, os primeiros cinco livros do Velho Testamento; outro, Isaías (Lucas 4.17); outro, os Profetas Menores (citado em Atos 7.42); outro, Ezequiel; outro, os Salmos (mencionados em Lucas 20.42 e Atos 1.20), e assim por diante.

Os gregos fizeram seus rolos de papiro, cortando a medula de uma planta aquática egípcia em fitas estreitas e colocando-as em faixas e estas em folhas, que, por sua vez poderiam ser ajuntadas para formar rolos de qualquer extensão. Mas os gregos achavam que rolos de oito a dez metros era o tamanho mais conveniente para uso ordinário. E estes rolos de papiro eram chamados por eles um *biblion*, de *biblos*, “papiro.” Esta é a palavra usada em Apocalipse 22.18, 19, onde se refere, naturalmente, ao rolo contendo somente o Apocalipse. Se a palavra se referisse a todo o Novo Testamento (do qual alguns livros não haviam ainda sido escritos) teria que ser o plural, *bíblia*. De fato foi este plural que passou para o latim como um singular, *Bíblia*, vindo depois a significar *Bíblia*. Etmologicamente a palavra significa os rolos de papiro.

Pode você recitar os livros da Bíblia, em ordem?

Provavelmente você pode, com algum esforço, embora você possa misturar um pouco os Profetas Menores e as menores epístolas. Uma mulher hábil ofereceu-se recentemente para recitá-los para mim em uma mesa de banquete. Isto é certamente muito boa fonte de informação quando os podemos recitar, especialmente quando necessitamos encontrar referências em Eclesiastes ou Habacuc. Mas não devemos concluir imediatamente que esta é a única ordem na qual a Bíblia sempre esteve arranjada, como um missionário na África fez em recente carta que me escreveu. Menos ainda que os livros foram escritos nesta ordem como alguns apressadamente concluem.

Os livros da Bíblia têm aparecido numa variedade de ordens em hebraico, grego, latim, alemão, sueco, dinamarquês, inglês, etc. E, naturalmente, há significação bem como conveniência em todas essas ordens.

Na Bíblia hebraica os profetas, maiores e menores, seguem Reis. Depois do último deles, Malaquias, vêm os que algumas vezes são chamados livros poéticos, embora muitos dos profetas fossem também livros de poesias – Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos. Então vêm Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester e Daniel, e finalmente Esdras, Neemias e Crônicas. Esta é uma ordem muito significativa, pois ela reflete alguma coisa do crescimento da coleção do Velho Testamento que consistiu primeiro na Lei, depois da Lei e Profetas e finalmente da Lei, Profetas e Escritos.

Na Igreja Primitiva as escrituras judaicas eram conhecidas, não em hebraico, mas numa tradução grega chamada Septuaginta, dos setenta (*Septuaginta*) anciãos que a tradição judaica ensina haver realizado a obra de tradução. Este Velho Testamento grego possuía os trinta e nove livros da Bíblia hebraica noutra ordem, no todo diferente da ordem hebraica. Os judeus arranjaram seus livros bíblicos em três grupos – a Lei, os Profetas e os Escritos – e sempre os guardaram bem distintos. Mas na Bíblia grega esses limites rígidos não foram mantidos. Os livros poéticos entraram entre os Profetas Anteriores e os Profetas Posteriores, desaparecendo o conjunto para reaparecer depois espalhados entre os outros dois grupos.

E a Bíblia grega não somente desordenou os livros da Bíblia hebraica; ela na realidade acrescentou outros livros não encontrados na Bíblia hebraica, os chamados Apócrifos. Estes não formam um grupo por si próprios, mas estão

espalhados através do Velho Testamento, Tobias e Judite (ou Judite e Tobias) seguindo Ester, e a Sabedoria de Salomão e a Sabedoria de Sirac seguindo Jó ou o Cântico dos Cânticos, e assim por diante. Os mais velhos manuscritos da Bíblia grega, que vêm do quarto e quinto séculos, não concordam quanto à ordem dos livros, e coloca os que conhecemos como Apócrifos em vários lugares.

A grande Bíblia da Idade Média era a Vulgata, a tradução latina produzida por São Jerônimo quase no fim do quarto século, e baseada em velhas traduções latinas que se espalharam anonimamente no segundo e terceiro séculos assim que o Cristianismo começou a alcançar terras do mundo Romano onde o latim era falado. Os manuscritos latinos possuem uma ordem própria que difere da do grego e hebraico e muitas vezes diferem também entre si próprios. Sua ordem comum foi aquela finalmente fixada pela invenção da imprensa, pois o primeiro grande livro impresso foi a Bíblia latina de 42 linhas, produzida em Mainz por volta de 1456.

Mas a Bíblia latina havia já sido traduzida em alemão, na Boêmia, no quarto século, e em inglês por Wyclif e seus auxiliares em 1382 - 1388. Ambas essas traduções seguiram a ordem latina, tendo os livros apócrifos espalhados por todo o Velho Testamento. A última tradução católica do Velho Testamento feita por Gregory Martin, em 1578 - 1582 e impressa em 1610, para o inglês, foi feita do latim – a Vulgata – e seguiu a mesma ordem de seus livros, com os apócrifos distribuídos por todo o Velho Testamento.

A nova tradução de Lutero para o alemão, terminada em 1534, foi baseada no hebraico e no grego, e quando ele havia terminado o Novo Testamento Grego (1522) e o Velho Testamento hebraico, ainda permaneciam os livros das bíblias antigas que se encontravam no Velho Testamento latino mas não no hebraico. Estes, Lutero traduziu por último, como os livros apócrifos, agrupando-os pela primeira vez sob esse nome, e colocando-os no final do Velho Testamento. Esta foi uma excessiva reorganização dos livros do Velho Testamento – o maior passo jamais dado na reorganização da ordem dos livros da Bíblia, mas que nunca vingou.

A primeira Bíblia impressa em inglês foi a de Coverdale. Foi publicada em 1535, um ano após a Bíblia de Lutero. Coverdale seguiu Lutero no arranjo dos livros do Velho Testamento, grupando os apócrifos e colocando-os no fim do Velho Testamento. Ele também seguiu Lutero em seu ousado arranjo da última parte do Novo Testamento. Lutero avaliou os livros bíblicos na proporção em que eles “falavam de Cristo.” Ele sentiu que os evangelhos faziam isto melhor que todos, mas que havia pouco sobre Cristo em Hebreus, Tiago, Judas e no Apocalipse, e estes ele os grupou no fim do Novo Testamento, como menos importantes em valor religioso.

Nisto ele foi seguido imediatamente por William Tyndale em sua tradução do Novo Testamento de 1525, a primeira a ser impressa em inglês. A Bíblia de Coverdale, de 1535, também seguiu Lutero nesta maneira de arranjar a última parte do Novo Testamento, e isto reaparece na Bíblia de John Rogers de 1537.

Mas a Grande Bíblia de 1539, a primeira Inglesa Autorizada, deixou de lado a inovação de Lutero e adotou uma ordem mais lógica com Hebreus seguindo as Cartas de Paulo, e Tiago à frente na lista das Epístolas Gerais. A *Grande Bíblia* foi também a primeira Bíblia inglesa impressa a colocar Tiago como a última das Epístolas Gerais, e foi seguida neste exemplo pela Bíblia de Genebra, a chamada “Bishops Bible” e a tradução do Rei Tiago, bem como as Versões Revistas, inglesas e americanas.

Uma variação mais brusca na ordem do Novo Testamento foi a colocação das Cartas de Paulo depois dos Evangelhos e antes de Atos, encontrada no grande manuscrito Sinaítico do quarto século, achado por Tischendorf num convento do Monte Sinai em 1859 e agora no Museu Britânico. Este manuscrito contém o mais velho e completo Novo Testamento Grego que possuímos e lembra-nos o fato de que os leitores do Novo Testamento no segundo e terceiro séculos não o possuíam em único volume, mas em quatro ou cinco livros feitos de pele, ou usavam em forma de rolo, provavelmente em número que atingia até oito rolos. Possivelmente houve variadas opiniões a respeito da ordem na qual essas pequenas coleções deveriam aparecer arranjadas quando agrupadas.

Os velhos manuscritos gregos, por exemplo, colocam as Epístolas Gerais, Tiago, Pedro, João e Judas depois de Atos, mas os Novos Testamentos em inglês e as Bíblias, de Tyndale para a frente, quase sem exceção, colocavam-nas, ou pelos menos cinco delas, depois das Cartas de Paulo.

Houve, até mesmo a respeito dos Evangelhos, incerteza ou pelo menos variedade quanto à sua ordem. O famoso Códice de Beza, assim chamado porque uma vez pertenceu àquele grande reformador francês, tem a seguinte ordem: Mateus, João, Lucas e Marcos. Este manuscrito foi escrito no sexto século. Um manuscrito dos Evangelhos, do quinto século, comprado no Egito pelo sr. Freer, de Detroit, em 1906, e agora no seu “Smithsonian Institution,” em Washington, traz os Evangelhos na mesma ordem, Mateus, João, Lucas e Marcos. Outras ordens dos Evangelhos aparecem em alguns manuscritos, embora a ordem que nos é familiar seja quase que certamente a ordem original.

Assim as Bíblias antigas e modernas revelam grande variedade na ordem dos sessenta e seis livros que a compõe – pondo de lado presentemente os livros apócrifos, que fizeram parte do Velho Testamento regularmente desde o primeiro até o décimo sétimo século, e usualmente até o começo do século dezenove. Mas estas variações diziam respeito principalmente aos livros menores. As linhas gerais do arranjo dos livros eram mais ou menos fixas. O Velho Testamento começava com as grandes séries históricas, do Gênesis até Segundo Reis, da criação até 561 a.C.; e o Novo, com os quatro Evangelhos e Atos, seguidos pelas epístolas, Paulinas e gerais, fechando usualmente com o Apocalipse.

Esta variação é de grande significação para nós, lembrando-nos que até os tempos modernos a Bíblia não era usualmente um só livro, mas uma grande estante de livros, que poderiam ser arranjados de várias maneiras. Eles foram escritos no decurso de mil anos, por cerca de quarenta escritores, espalhados por mais ou menos duas mil milhas de distância, desde Babilônia até Roma. E uma vez escritos, como encontraram eles um ao outro e vieram formar nossa

Bíblia? Esta é a questão que muitas vezes vem às nossas mentes à medida que exploramos esta vasta e variada literatura religiosa a que chamamos Bíblia.

QUESTIONÁRIO

1. Qual era a forma da Bíblia nos tempos de Jesus?
2. Qual é a origem do nome “Bíblia”?
3. Quais foram os principais grupos de livros na Bíblia hebraica?
4. Em que forma os primitivos cristãos a usaram?
5. Que adições lhe foram feitas?
6. Qual a mudança que Lutero fez à ordem dos livros do Velho Testamento?
7. Que efeito isto teve na Bíblia em inglês?
8. Baseada em que princípio é arranjada a primeira metade do nosso Velho Testamento?
9. Tem havido qualquer variação na ordem dos livros do Novo Testamento?

Capítulo II

O COMEÇO DO VELHO TESTAMENTO

Provavelmente, o mais velho trecho literário do Velho Testamento seja o canto de guerra no capítulo de Juízes, conhecido como o Cântico de Débora. Pertence ao século doze antes de Cristo. As narrativas dos historiadores proféticos dos reinos do Norte e do Sul, de Israel e Judá, apareceram nos séculos nono e oitavo antes de Cristo. No século oitavo os profetas literatos¹ começaram a aparecer: Amós e Oséas, Miquéias e Isaías, o grande quarteto que escreveu sua brilhante poesia profética entre 765 e 701 A.C.

Valiosos e apreciados como eram seus escritos, nada existe que possa sugerir que eles foram recebidos como sagrados ou como Escritura, e depois da morte de Isaías, que provavelmente foi martirizado quando Manassés, o rei semi-pagão, subiu ao trono, não mais houve profecia em Judá. Os profetas eram silenciados ou mortos. O culto de Jeová foi negligenciado e a religião entrou em decadência.

A ascensão de Josias e seu grande desejo de restaurar o culto a Jeová conduziu à renovação do templo e, no correr desta restauração, em 621 A.C., o livro de Deuteronômio foi descoberto. O sacerdote levou-o ao rei que o recebeu alegremente e dispôs-se a colocar em prática seu programa de reforma religiosa. Esta história dramática é contada em II Reis 22 e 23. Josias fez cessar as práticas idólatras do povo, ordenou que a prática do sacrifício fosse limitada à cidade de Jerusalém, e exigiu que a Páscoa fosse celebrada ali. Estas são prescrições definitivas do Deuteronômio.

Assim o Deuteronômio tornou-se a lei da terra. Este livro foi escrito nos dias negros e idólatras de Manassés, por algum profeta, às escondidas do rei e seus oficiais, e que não podendo pregar sua mensagem, escreveu-a na esperança de que tempo viria quando em que ela poderia ser encontrada e observada. E este profeta desconhecido veio a exercer grande influência na religião e na literatura judaicas.

O Deuteronômio representa a fusão de duas grandes forças da vida religiosa judaica: a sacerdotal e a profética. Os sacerdotes cuidavam do sacrifício, ritual e cerimonial; os profetas estavam interessados na retidão moral e na vida interior. No Deuteronômio estes dois interesses foram nobremente combinados, e o ritual sacerdotal foi feito símbolo e veículo de uma religião espiritual. Realmente a adoração, ou o culto, tornou-se menos pessoal e individual, e mais nacional; os sacrifícios locais e pequenos deveriam ser abandonados. A razão disso é que era neles que velhas práticas idólatras continuavam freqüentemente, ou novas práticas nasciam. O escritor do Deuteronômio sentiu que se o sacrifício e o culto fossem confinados a Jerusalém, eles poderiam ser controlados e protegidos de adulteração.

¹ Literatos, não no sentido moderno de escritor, ou alguém que cultivava sistematicamente literatura. Os profetas escreviam esporadicamente suas mensagens, provavelmente depois de anunciadas, ou registravam algum oráculo ou revelação divina. (Nota do tradutor).

Deste modo o Deuteronômio representa o triunfo dos profetas sobre a velha idolatria e cultos estrangeiros ocasionalmente introduzidos. Este surgiu de códigos de lei hebreus ainda mais velhos – O Livro do Concerto, ainda preservado em Êxodo 20:22 a 23:33, que provavelmente reflete a reforma de Asa, rei de Judá, de aproximadamente 900 A.C. E este surgiu, por sua vez, de um mais primitivo código de leis, o Pequeno Livro do Concerto, Êxodo 34, que parece haver sido o germe da legislação hebraica.

Mas o Deuteronômio foi a primeira apresentação da lei hebraica em alguma coisa parecida com um livro, e este livro tornou-se o cerne do Velho Testamento. Aqueles eram os dias de um novo grupo de profetas literatos: Sofonias, Naum, Jeremias e Habacuc, que escreveram suas profecias entre a invasão Scythia de 627 e a destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586.

A destruição de Judá e do templo foi seguida por longos anos de exílio, que foram de grande depressão nacional, mas frutíferos do ponto de vista religioso. Seguindo a linha traçada por Jeremias, Ezequiel declarou que a religião era pessoal e não nacional, apontando a responsabilidade religiosa do indivíduo. Os judeus exilados voltaram-se para sua lei como um objeto de estudo e enriquecimento, e as histórias que tinham sido escritas nos séculos nono e oitavo em Judá e Israel foram agora unidas ao Deuteronômio para formar um código ainda maior. Levantou-se então a sinagoga para o estudo e preservação dessa lei, e o judaísmo capacitou-se a sobreviver à destruição do seu templo e à interrupção de seu culto nacional. Pois os judeus, despojados de sua capital e seu templo, agora agrupavam-se em torno de sua lei.

A lei alcançou sua estatura plena logo depois de 400 A.C., quando foi outra vez ampliada pela combinação com história e legislação sacerdotal que haviam nascido e crescido no século precedente. Levítico, o livro da lei sacerdotal, foi a principal adição feita à lei, mas cada uma das partes da velha coleção foi também enriquecida. O resultado foi um trabalho de magnífico alcance e qualidade épicas. Foi um esboço de história, um registro do começo das instituições e nações humanas, um sistema de culto de um manual de religião e moral – tudo sintetizado num só corpo. Isto era o Pentateuco.

A reverência que se voltava ao Deuteronômio desde sua descoberta em 621 A.C. estendeu-se a todo o grande livro, que era quase tão longo quanto o Novo Testamento. Onde quer que os judeus andaram, eles organizaram sinagogas, leram e estudaram a Lei. Ela tornou-se tesouro supremo. Quando os samaritanos formaram seu ramo de judaísmo, cerca de 400 A.C., tomaram consigo a lei, e velhas cópias, escritas em caracteres samaritanos, estão ainda entesouradas em sua comunidade em Nablus – o “Pentateuco Samaritano.” O fato que os samaritanos nunca aceitaram qualquer outro livro das escrituras judaicas mostra que, quando eles se desligaram do judaísmo, aquilo era a única Escritura existente. Isto reflete o estágio de desenvolvimento a que chegaram as escrituras judaicas ao tempo daquele evento.

O grupo samaritano deve sua origem a um incidente na família de um sumo-sacerdote judeu. Um de seus filhos havia se casado com mulher estrangeira, a filha de Sanballat, o Horonita (Neemias, 13:28). Neemias e Esdras deram ordens para que todos os casamentos desse tipo fossem anulados e tais

mulheres estrangeiras e seus filhos mandados embora. Mas este jovem sacerdote recusou-se a despedir sua esposa e foi expulso da comunidade judaica. Mas seu sogro, Sanballat, construiu-lhe um templo no Monte Gerzim, perto de Shichem, a moderna Nablus e o resultado foi a seita dos samaritanos.

A lei foi a primeira parte das escrituras judaicas a serem traduzidas em grego, quando a tradução dos Setenta começou no Egito lá pela metade do século terceiro antes de Cristo. Toda a lei daria um rolo muito grosso e desajeitado em comparação com os livros gregos; deste modo eles dividiram a lei em cinco rolos e deram-lhes nomes pelos quais os conhecemos – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio. Fragmentos de um papiro grego do rolo de Deuteronômio, escrito em meados do segundo século antes de Cristo foram descobertos e publicados pela Biblioteca Rylands, de Manchester, Inglaterra, há quatro anos (1935-N.T.). Este é, provavelmente, o mais velho trecho literário bíblico conhecido.

Os saduceus, tão bem conhecidos por nós, tal seu papel nos Evangelhos, também aceitaram somente a Lei como Escritura. Os fariseus não ficaram só nisso, pois sua devoção à Lei chegara até o fanatismo. Antes e depois de tocarem uma cópia da Lei, deveriam lavar as mãos; pois pitorescamente diziam, a Lei mancha as mãos. Este estranho tributo eles pagaram depois a toda a sua escritura.

A perseguição contra os judeus, dirigida por Antíoco Epifânio nos tempos dos Macabeus incluía os exemplares da Lei, que os judeus eram obrigados a entregar de modo que pudessem ser destruídos. “Onde quer que encontrassem o Livro da Lei, eles o rasgavam e o queimavam.” Qualquer que possuísse uma cópia seria condenado à morte (I Macabeus 1.56, 57). A Lei havia se tornado o símbolo da religião judaica.

À medida que o hebraico foi dando lugar ao aramaico como linguagem da vida diária, quando a Lei era lida na sinagoga, ela deveria ser traduzida para o aramaico a fim de ser compreendida. Isto era feito verso por verso. No primeiro século depois de Cristo uma tradução aramaica da Lei ou Targum foi produzida, mas não escrita; foi preservada oralmente, sendo decorada e transmitida de uma para outra geração de escribas. Os escribas apareceram primeiro como copistas da Lei como seu próprio nome indica. Mas tornaram-se seus zeladores e intérpretes. No primeiro século também produziram um comentário hebraico sobre a Lei, mas isto também não poderia ser escrito, pois escrevê-lo seria colocá-lo no mesmo nível “daquilo que está escrito” – a própria Lei. Estes estranhos procedimentos, como nós os consideramos, mostram a extrema reverência que os judeus do tipo farisaico tinham para a Lei.

Nas velhas sinagogas judaicas havia uma arca ou armário para a guarda do rolo da Lei, exatamente como existe hoje. Realmente não é demais o dizer-se que a Lei ocupava o lugar e requeria a reverência dada a um ídolo num templo pagão. A função primária da sinagoga era instruir na Lei.

A Lei é muitas vezes referida nos Evangelhos (Mateus, Lucas e João) e nas cartas de Paulo. Jesus provocou grande sensação quando, em suas palavras a respeito de alimento puro e impuro, pôs de lado toda a legislação levítica – a

característica contribuição sacerdotal à Lei (Marcos 7:19). Por outro lado Jesus viu valores permanentes na Lei, e afirmou-os em termos seguros: “Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um í, ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra” (Mateus 5.18).²

QUESTIONÁRIO

1. Qual foi a origem do Deuteronômio?
2. Quais eram suas principais características?
3. Qual foi a influência do exílio sobre o desenvolvimento da Lei judaica?
4. Que acréscimos recebeu o Deuteronômio?
5. Quando a Lei atingiu seu estágio final?
6. Por que os samaritanos possuem somente a Lei?
7. Qual foi a origem do ramo samaritano do judaísmo?
8. Que aconteceu à Lei quando traduzida para o grego?
9. Como os fariseus demonstram seu respeito extremo pela Lei?
10. Que lugar ocupa a Lei no Novo Testamento?
11. Qual é sua passagem favorita na Lei?

² As citações do Novo Testamento que aparecem nesta tradução não são uma tradução para o português da versão americana de Goodspeed que aparece no texto original, mas citações da versão portuguesa de João Ferreira de Almeida, Edição Revista (1951). (Nota do tradutor).

Capítulo III

A LEI E OS PROFETAS

Quando os judeus firmaram-se sobre a Lei como guia para sua vida social e religiosa, eles já eram ricos em outros escritos e religiosos da melhor espécie. Os grandes profetas literatos haviam falado e escrito – Amós, Oséas, Miquéias e Isaías, no século oitavo; Sofonias, Naum, Habacuc e Jeremias, no século sétimo; Ezequiel, Ageu e Zacarias, no sexto, e Malaquias, Obadias e Joel no quinto século. A história do Reino, que nós conhecemos como os quatro livros de Samuel e Reis, estavam já completos no século sexto e o livro de Juízes foi completado no quinto.

Ao leitor moderno, o valor religioso desta literatura, especialmente dos profetas, parece maior do que o dos livros da Lei judaica, e os próprios judeus não se demoraram a reconhecer-lhes o valor e a utilidade.

Eles reconheciam os livros históricos como religiosos e, portanto, proféticos no propósito; e estes foram grupados com o livro de Josué naquilo que eles chamaram Profetas Anteriores – Josué, Juízes, Samuel e Reis. A segunda parte da coleção profética era formada pelos Profetas Posteriores, e incluía Isaías, Jeremias, Ezequiel e o “Livro dos Doze,” ou, como os conhecemos, Profetas Menores – de Oséas a Malaquias. Mas, como o reconheciam os judeus, os Profetas Posteriores eram quatro, assim como os Anteriores. Os doze Profetas Menores juntos não dariam para preencher um rolo da extensão do de Isaías e por essa razão foram grupados e contados como uma única unidade. Quatro rolos continham os Profetas Anteriores e quatro os Posteriores.

Naturalmente os livros que eles descreviam como sendo dos Profetas Anteriores, foram realmente escritos depois de alguns dos chamados Profetas Posteriores, mas eles assim os classificavam em virtude das vezes que com eles lidavam. Quem escreveu os Profetas Anteriores não estava em sua cogitação, nem na nossa. Juízes, Samuel e Reis, todos foram grandemente influenciados pelo Deuteronômio, mas seus autores foram esquecidos. A literatura da Ásia Ocidental era principalmente anônima, tanto em Israel como na Babilônia e Assíria. Fato admirável no caso dos profetas literatos é a preservação e registro de tantos nomes.

Nalgum tempo entre 250 A.C. e 175 esta coleção de profetas foi formada e chegou a ser reconhecida como autoridade, lado a lado com a Lei. Em quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta anos a Bíblia do judaísmo cresceu do livro de Deuteronômio até à Lei e aos Profetas. Nos tempos de Jesus as lições de ambos, da Lei e dos Profetas, eram lidas todos os sábados na sinagoga, e eram traduzidas para o Aramaico para aqueles a quem o hebraico havia se tornado língua morta. Mas os profetas jamais eram reconhecidos como iguais à Lei, pois a Lei era traduzida verso por verso, mas os Profetas três de cada vez.

Vimos que no Deuteronômio os ideais proféticos e sacerdotais de religião foram fundidos e harmonizados. Quando a Lei se expandiu até à grande obra que conhecemos como o Pentateuco – de Gênesis ao Deuteronômio – o

elemento sacerdotal alcançou predominância; Levíticos possui colorido realmente sacerdotal. Mas o balanço entre o sacerdotal e o profético era agora restabelecido com a aceitação dos oito livros dos profetas.

Somos familiares à idéia de que foram os profetas que prepararam o caminho para Jesus e para a mente cristã; o trabalho dos profetas apela com muito mais profundidade religiosa do que o dos sacerdotes. Isto era, na verdade, o que distinguia a religião judaica. Os profetas ainda influenciam o mundo e esperamos que esta influência aumente muito mais com o passar dos anos. Pois eles penetram o âmago das grandes realidades da religião espiritual que não envelhecem.

Amós e Miquéias, no oitavo século, denunciaram a injustiça social e econômica e proclamaram a justiça de Deus. Com estes profetas somos introduzidos àquilo que tem sido chamado o monoteísmo ético dos profetas – sua grande descoberta religiosa foi de que Deus era o Deus de todas as nações, e que Ele era imparcialmente justo. A mesma justiça, declaravam, deve prevalecer entre os homens, ou a ira de Deus será derramada sobre eles, quer sejam judeus ou pagãos.

A este tempo pertence Oséas, o grande profeta do infatigável e infalível amor de Deus. Esta grande idéia religiosa que deveria alcançar sua plenitude no Cristianismo, é o suplemento necessário da idéia da justiça divina. Ela deixa lugar para a misericórdia e o perdão de Deus.

Amós e Miquéias eram camponeses, mas Isaías foi um homem de posição e influência em Jerusalém. Ele conheceu o rei e não hesitou em adverti-lo e aconselhá-lo. Isto nos leva a um dos principais traços dos profetas; eles eram críticos corajosos da sociedade em que viviam. Seu valor para ela está no fato de que eles podiam ver suas faltas e corrigi-las.

Aos grandes ideais de justiça e amor de Deus, Isaías acrescentou o ideal da santidade divina, que trazia em si a exigência por santidade da parte do povo.

Duas ou três gerações depois, em 627, o jovem profeta Sofonias viu na aproximação das hordas Scythas, que desciam do Norte, o prelúdio do terrível Dia do Senhor, o dia do julgamento para a Filístia, Egito, Assíria – e Judá também. A história de seu tempo é claramente refletida nos poemas destes brilhantes profetas.

Sofonias, contemporâneo de Naum, em particular, descreveu a queda de Nínive em pormenores dramáticos que trazem a cena ainda viva aos olhos do leitor moderno.

Mas a queda de Nínive e o fim do Império Assírio, que há muito hostilizavam Judá, simplesmente deu lugar a novo tirano à Babilônia, e Habacuc tristemente imaginava se esta série de opressores cruéis se seguiria para sempre. Jeremias testemunhou a captura e destruição de Jerusalém, mas isto o levou a perceber que religião não é algo nacional, mas pessoal, e ele e Ezequiel forjaram a idéia de que religião e responsabilidades moral são interesses individuais.

Foi esta grande descoberta que capacitou o judaísmo a sobreviver à queda da nação judaica e do culto do templo, que poria fim a uma religião meramente nacional. Mesmo a deportação dos judeus para a Babilônia e sua estada ali por mais de sessenta anos não extinguiu sua religião. Finalmente, quando a Babilônia caiu, e Ciro, o rei persa, permitiu-lhes o retorno, profetas como Ageu e Zacarias encorajaram-nos a reconstruir o templo e a recomeçar seu culto.

Nos dias de desânimo que se seguiram, os profetas sempre e sempre reanimavam o povo; Malaquias excitando-os à maior devoção, Obadias indicando o julgamento de Deus sobre os Edomitas pelo tratamento que eles dispensaram a seus irmãos judeus, e Joel reavivando as esperanças do povo em meio à destruição e à fome.

Não foi menos útil à vida espiritual dos judeus os livros de Samuel e Reis, com o registro da experiência religiosa da nação e seus líderes – reis como Davi, Ezequias e Josias, e profetas como Samuel, Elias e Eliseu. Estes livros, com Josué e Juízes, eles denominaram de Profetas Anteriores.

A reverência com que agora são também tratados esses livros históricos ilustra a satisfação piedosa com que os judeus, em sua presente e reduzida posição política e econômica, olhavam para trás para os grandes dias da história de sua nação, seu período heróico, quando ela possuía um lugar entre as nações da terra, e tinha tais reis como Davi e Salomão.

Assim, ambos os propósitos, o patriótico e o religioso, eram preenchidos no registro da Lei, da história humana desde a criação até o encontro da Terra Prometida, ao que agora se acrescentava a continuação da história através dos dias da conquista (Josué), os Juízes e os Reis.

A Bíblia judaica foi também grandemente enriquecida no lado literário, pois muitos dos profetas literatos eram poetas, e os Profetas Posteriores formavam uma coleção de poesias hebraicas de extraordinário brilho e variedade.

A Bíblia judaica aumentou grandemente sua profundidade religiosa e seu poder quando os livros dos profetas foram acrescentados à Lei. Seu novo nome, a Lei e os Profetas, é encontrado muitas vezes no Novo Testamento – Paulo, Mateus, Lucas, João. Note-se Mateus 7.12 – “**Porque esta é a lei, e os profetas.**” Lucas menciona a leitura da Lei e dos Profetas como parte regular do culto na sinagoga judaica de Antioquia da Psídia. Ela precedeu o sermão ou apelo que Paulo foi convidado a entregar ali (Atos 13.15). Antes que João houvesse vindo, Jesus disse aos fariseus que era a Lei e os Profetas, mas agora o Reino de Deus estava sendo proclamado (Lucas 16.16). Paulo escreveu aos Romanos que a salvação cristã encontrava testemunho à sua realidade na Lei e nos Profetas (Rom. 3.21). Os profetas a haviam prometido (Rom 1.2).

Enquanto ambos, a Lei e os Profetas são freqüentemente citados no Novo Testamento, foi a corrente profética da religião judaica que se reviveu e se expandiu no Cristianismo. A mensagem de Jesus possuía muito maior tom

profético que sacerdotal. O povo viu nele um novo profeta. “Um grande profeta se levantou entre nós,” disse o povo de Nain (Lucas 7.16). Quando Jesus entrou em Jerusalém o povo exclamou: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia!” (Mt 21.11). E Jesus aceitou a missão de profeta quando declarou que ele precisava ir a Jerusalém, “porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém!” (Lucas 13.33). Jesus encontrou a chave e o programa para seu trabalho nas palavras de Isaías, começando (Lucas 4.18):

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres.”

Ele reuniu um círculo íntimo de discípulos ao redor de si, assim como fez Isaías (Isaías 8.16), e aplicou ao povo judeu as palavras de desânimo e repreensão que Isaías havia usado:

“Porque o coração deste povo está endurecido, de mal grado ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos; para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.” (Mat. 13.15)

Enquanto os Judeus contaram os Profetas Posteriores como quatro livros, nós os contamos como quinze, pois o livro deles chamado Livro dos Profetas Menores nós o contamos como doze. Josué, Juízes, Samuel e Reis formam seis livros assim como conhecemos, e deste modo os Profetas Anteriores e Posteriores acrescentaram nada menos de vinte e um livros às Escrituras judaicas. E este grande crescimento do número dos livros sagrados dos judeus é somente um símbolo do grande reforço espiritual que os Livros dos Profetas trouxeram à religião judaica e depois à cristã.

QUESTIONÁRIO

1. Em que época o trabalho dos profetas teve lugar?
2. O que incluíam os judeus sob o título “Profetas Anteriores”?
3. Por que classificavam esses livros como proféticos?
4. Que livros formaram os chamados “Profetas Posteriores”?
5. Por que eram chamados “Posteriores”?
6. Quais os escritores proféticos incluídos nos “Profetas Posteriores”?
7. Que grandes ideais religiosos foram incorporados nesses livros?
8. Que uso foi feito dos profetas nos cultos da sinagoga?
9. Como o Novo Testamento liga-se com os profetas?
10. Eram os profetas judaicos mais escritores de prosa ou poesia?

11. Qual é a sua passagem predileta nos profetas?

CAPÍTULO IV

A CONCLUSÃO DO VELHO TESTAMENTO

A expansão das Escrituras judaicas, como os fariseus as consideravam, não parou com a adição dos Profetas à Lei. Os judeus há muito estavam desenvolvendo uma rica literatura, prática e devocional, de hinos e preceitos, sermões e curtas histórias. Entre as histórias, Rute, Ester e Jonas são proeminentes; Jonas havia já encontrado um lugar no Livro dos Doze Profetas. Discussões filosóficas de religião, como Jó e Eclesiastes, elegias fúnebres como Lamentações, poesia amorosa como o Cântico dos Cânticos, mostram a variedade desta literatura posterior. Houve também a recomposição sacerdotal da história da nação que conhecemos como os livros de Crônicas, uma crônica eclesiástica de Jerusalém, como tem sido chamada, baseada em histórias primitivas encontradas nos Profetas Anteriores, mas omitindo o registro dos monarcas de Israel, o Reino do Norte.

A grande unidade central nesta literatura religiosa secundária foi, entretanto, o livro dos Salmos. Ele foi a um tempo hinário e livro de oração do Segundo Templo, o templo depois do exílio. Assim como se encontra, este livro é uma coleção de coleções, pois quatro hinos nele são repetidos: o Salmo 14 é o mesmo que o 53; 40.13-17 é igual a 70; 57.7-11 e 60.5-12 são os mesmos que 108. Estes hinos existiram evidentemente em mais que uma coleção ou hinários menores que foram agrupados para formar o nosso Saltério.

A proeminência, mesmo a dominância, dos Salmos nesta terceira parte do Velho Testamento mostra-nos porque as Escrituras judaicas no seu todo são faladas em Lucas 24.44 como a Lei, os Profetas e os Salmos.

Os Salmos têm muito a nos contar a respeito das situações e períodos nos quais apareceram, mas nosso principal interesse nos mesmos é como uma expressão da vida pessoal religiosa – remorso, arrependimento, aspiração, comunhão, esperança, fé, confiança. Não há livro na Bíblia tão querido ao moderno adorador como o de Salmos. Qual o livro em todo Velho Testamento que mais significa para sua própria religião do que este?

A mais antiga referência a esta ampliação das Escrituras judaicas pela adição de um terceiro corpo de livros está no prefácio à Sabedoria de Sirac. Josué ou Jesus, filho de Sirac foi um sábio judeu que compôs sua Sabedoria lá pelo fim do terceiro século antes de Cristo, ou no começo do segundo. Ele escreveu em hebraico, mas cinquenta anos depois seu neto, no Egito, traduziu seu livro em grego, prefixando a este poucas linhas de explicação. Neste prefácio ele fala da Lei, das Profecias e do resto dos livros, como já traduzidos para o grego, como que para ilustrar a dificuldade para traduzir o hebraico para aquela língua.

Assim a terceira parte do Velho Testamento já estava tomando forma e sendo acrescentada à Lei e aos Profetas no segundo século antes de Cristo; de fato ela estava sendo já traduzida para o grego, para o uso dos judeus no Egito que conheciam melhor o grego que o hebraico, e também para fins missionários.

Esta terceira porção das Escrituras judaicas não havia ainda sido finalmente fixada e incluída no cânon até cerca do fim do primeiro século depois de Cristo, quando no Sínodo Judaico de Jâmnia, cerca de 90 A.D., algumas dificuldades que ainda haviam a seu respeito foram eliminadas.

Os Salmos são citados em I Macabeus 7.17, obra escrita bem cedo no último século antes de Cristo. Jó e Provérbios estavam associados aos Salmos. A este foram acrescentados os chamados Cinco Rolos – o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester, que são lidos um de cada vez nos cinco festivais judaicos: Cântico dos Cânticos, na Páscoa; Rute, no Pentecostes (o festival da colheita); Lamentações, no aniversário da destruição de Jerusalém; Eclesiastes, na festa dos Tabernáculos (o festival das tendas); e Ester, na festa do Purim, cuja origem este livro procura explicar.

O grupo final nesta terceira divisão da Bíblia judaica consistia de Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas, fazendo um total de vinte e quatro livros, assim como os judeus os contavam, figura que corresponde ao número de letras do alfabeto hebraico, que podem ser contadas como sendo vinte e duas ou vinte e quatro. Isto provavelmente sugeria à mente judaica a impressão de fixidez ou coisa completa. Não havia lugar para qualquer outra adição e assim a coleção das escrituras poderia ser considerada salva de alteração.

Entretanto eles chegaram a este total de várias maneiras, que podem nos parecer estranhas. Às vezes eles contavam Rute como parte de Juízes, Neemias como parte de Esdras, e Lamentações como parte de Jeremias. Samuel, Reis e Crônicas naturalmente eram volumes separados. Os Doze Profetas Menores formavam um livro ou rolo, como já vimos, e isto perfazia o total de vinte e quatro livros. Ou outras vezes eles contavam o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester como um livro (pois eles poderiam todos ser reunidos num simples rolo), e ainda alcançavam o mesmo total, que parecia ser um ponto muito importante.

Ao tempo em que Josefus escreveu seus dois livros *Contra Apia*, pelos fins do primeiro século depois de Cristo, este era o estado de desenvolvimento das Escrituras judaicas. Josefus reconheceu cinco livros de Moisés, isto é, a Lei; treze livros proféticos, enquanto “os restantes quatro livros contêm hinos a Deus e preceitos para a conduta da vida humana” (1.8). Por este último ele provavelmente quis dizer Salmos, Jó, Provérbios e Eclesiastes.

Quase todos os escritores no Novo Testamento evidenciam o uso dos Salmos. Alguns citaram-nos largamente. Jesus mesmo citou-os muitas vezes: Mat. 7.23; 22.44; 23.39. Pelo menos uma vez ele os citou como escritura – “Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo...” (Mat. 22.43). O hino que Jesus e seus discípulos cantaram depois da última ceia era o Hillel, do Salmo 113 ao 118, parte do que era cantado no começo da ceia da Páscoa e parte no fim.

Alguns dos últimos produtos da experiência religiosa judaica foram incluídos nesta parte da Bíblia judaica. O Eclesiastes foi escrito na primeira metade do segundo século antes de Cristo, o período que testemunhou a conclusão do Saltério assim como o temos. Daniel brotou no meio da perseguição dos judeus pelo rei da Síria, a quem eles estavam sujeitos, que

resultou na rebelião e triunfo dos Macabeus, por volta de 165 A.D. Este livro é repetidamente citado em Mateus 24 e evidentemente como escritura: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo” (24.15). Não menos do que sessenta e seis lugares refletindo a linguagem de Daniel são encontrados no livro de Apocalipse, nos quais sua influência foi muito grande. Esta terceira parte da Bíblia judaica deu lugar a uma obra mais do tipo filosófico ou humanístico da parte dos pensadores judeus, os sábios. Assim como Moisés foi o modelo dos profetas, e Davi dos salmistas, Salomão foi o ideal para os sábios. Seu alvo era a Sabedoria que consideravam ser o “summum bonum.” Provérbios, Eclesiastes e o livro de Jó representam seu trabalho na Bíblia hebraica. Como os profetas, os sábios eram poetas e freqüentemente poetas de grande poder, como o autor de Jó, cuja riqueza de vocabulário e esplendor de imaginação raramente foi igualado em qualquer outra literatura.

Mas o mais querido ao moderno coração religioso são os hinos do espírito, a poesia devocional dos Salmos. Eles ainda formam nossos Clássicos de Devoção – o Primeiro, o Dezenove, o Vinte e Três, o Noventa e muitos outros. O Cântico dos Cânticos representa poesia de espécie bem diferente, o canto dos amantes e do casamento, como o que é descrito em I Macabeus 9.35-42, ou em Mateus, capítulo 25. Esdras-Neemias conta a história judaica desde o fim do exílio à reforma de Neemias e Esdras, que começaram seu trabalho na Judéia em 444 A.D. e 397 respectivamente.

Em velhas Bíblias inglesas freqüentemente encontramos hinários encadernados com a Bíblia, e algo deste tipo ocorreu quando os judeus acrescentaram seu hinário às suas escrituras. E quão grandemente isto enriqueceu aquelas escrituras! Os Salmos eram o produto do trabalho de muitas mãos e corações, espalhados por vários séculos e da mais variada experiência pessoal e nacional. É a verdade bem como a sinceridade dessas expressões que faz dos Salmos uma inexaurível mina de riqueza religiosa. Ninguém pode experimentar tudo o que o Saltério pode dar, pois ele tem alguma coisa para cada um. As mais profundas experiências, sejam de desespero ou de aspiração, a grande nota de confiança, a experiência da adoração – estas e uma grande gama de outras experiências religiosas estão ali em sua forma mais sublime. Um salmista exulta em seu livro de religião (119), outro deleita-se nos hinos procissionais e liturgias do templo. Nenhum livro da Bíblia fala mais larga e diretamente à nossa vida espiritual moderna do que esse velho livro de oração e hinário hebraico, que reuniu a oração e o louvor de tantos corações adoradores e faz-nos participantes da sua maneira de sentir a presença de Deus. De todos os livros do Velho Testamento é nos Salmos que a religião se torna mais pessoal.

Assim, esta última adição às Escrituras hebraicas da Palestina incluía filosofia, sabedoria, ética, devoção, liturgia, história e poesia amorosa dos judeus. Por ela somos introduzidos à última fase do judaísmo histórico – o aparecimento dos escribas, pois a última figura apresentada é Esdras, o escriba, lendo a Lei para a congregação (Neemias 8.13-18). Com Esdras, criam os judeus, a formação de sua Escritura chegou ao fim. Encontraremos esta idéia outra vez ao examinarmos o crescimento das escrituras judaicas fora da Palestina.

A Bíblia hebraica continha primeiro a Lei, em cinco livros; os Profetas Anteriores e Posteriores, em quatro livros cada; e os Escritos – Salmos, Jó, Provérbios; os Cinco Rolos, compreendendo o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester; e, finalmente, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas. As dúvidas que permaneceram sobre o Cântico dos Cânticos e ainda mais sobre Eclesiastes desapareceram lá pelo fim do primeiro século depois de Cristo.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as pequenas histórias que encontram lugar na Bíblia hebraica?
2. Por que os livros de Crônicas diferem das narrativas de Samuel e Reis?
3. Qual foi a origem do livro dos Salmos?
4. Qual o seu valor religioso modernamente?
5. Quando este aumento das escrituras judaicas teve lugar?
6. Qual o primeiro indício que temos disto?
7. Quando elas se completaram?
8. Que incluem elas?
9. Quais os elementos literários e religiosos que esta ampliação trouxe à Bíblia hebraica?
10. Quantos destes livros se refletem no Novo Testamento?
11. Qual o livro do Velho Testamento que fez a maior contribuição à religião pessoal?
12. Qual era o conteúdo das escrituras judaicas assim como as arranjavam os judeus?
13. Qual a sua predileção entre os “Escritos”?

CAPÍTULO V

OS APÓCRIFOS

Enquanto os judeus da Palestina limitavam o conteúdo de suas escrituras aos livros que conhecemos como o Velho Testamento, os judeus que falavam grego e que viviam no Egito não pararam aí. Entre eles cresceu um considerável grupo de outros escritos históricos e religiosos, em parte pela tradução de novas obras da literatura hebraica, ou pela ampliação de livros do Velho Testamento tais como Ester e Daniel, no decurso de sua tradução para o grego, e também por composições originalmente escritas em grego. Esses livros associaram-se no Egito aos livros do Velho Testamento já traduzidos e assim passaram a fazer parte do Velho Testamento em grego, a chamada Versão dos Setenta. E, quando esta versão tornou-se a Bíblia da Igreja Primitiva, esses livros vieram com ela.

Assim os livros apócrifos, como costumeiramente são chamados, espalharam-se através da Bíblia grega da Igreja Primitiva, e daí passaram para a Bíblia latina antes e depois do trabalho de revisão de Jerônimo. Eles passaram naturalmente, como já vimos, para a primitiva tradução germânica da Bíblia latina, feita na Boêmia, no século catorze, e também para a tradução inglesa feita por Wyclif e seus auxiliares em 1382-88.

Mas Lutero traduziu o Novo Testamento grego e o Velho Testamento hebraico e quando ele terminou sua obra, verificou haver certo número de livros no Velho Testamento em latim e alemão, deixados de lado. Jerônimo fez a mesma verificação muito antes e havia chamado esses livros de “Apócrifos” – livros secretos ou ocultos. Lutero deu-lhes o mesmo nome e logo os traduziu do texto grego, exceto um, Segundo Esdras, do qual nenhuma versão grega se encontrou, mas somente a latina. Como já vimos em capítulo anterior, quando ele terminou sua tradução da Bíblia em 1534, colocou-os num grupo à parte no fim do Velho Testamento, ou depois deste. Seu exemplo foi logo seguido por Coverdale ao imprimir a primeira Bíblia em inglês no ano seguinte. Daí para a frente todas as grandes Bíblias históricas em inglês seguiram o mesmo proceder, fazendo desses livros um grupo em separado e colocando-o depois do Velho Testamento – a Bíblia de Thomas Matthew de 1537, a de Taverner de 1539, a Grande Bíblia de 1539, a Bíblia de Genebra de 1560, a “Bishops’ Bible” de 1568, e a do Rei Tiago de 1611. Somente no Velho Testamento Católico de 1610, que foi traduzido da Vulgata Latina, eles permaneceram espalhados através do Velho Testamento, como ainda se encontram na Bíblia de Douai da Igreja Católica.

Quais foram esses livros tão altamente estimados pelos cristãos por tantos séculos, e que ainda fazem parte de qualquer edição Autorizada da Bíblia?³

Eles representavam ampliações de livros do Velho Testamento, particularmente Ester e Daniel, a fim de fazê-los mais edificantes e

³ “Authorized Version” ou edição Autorizada da Bíblia em inglês é o nome dado às edições que se seguiram à aparição da Grande Bíblia em inglês, de Coverdale, em 1539, a primeira edição autorizada pelo Rei. A segunda edição autorizada foi a “Bishops’ Bible”, de 1568. Mas as Edições Autorizadas mais conhecidas são as que se seguiram à Versão do Rei Tiago, de 1611. Veja mais detalhes no cap. X (Nota do tradutor).

interessantes. Ester, da maneira que aparece na Bíblia hebraica, possuía pouco ou nada de religião. Nem mesmo o nome de Deus é ali mencionado. Mas quando foi traduzido para o grego, seus tradutores remediaram este fato ao introduzirem forte elemento religioso na história. Mardoqueu e Ester recitam longas orações e o livro fecha-se passando em revista às suas próprias ações.

Daniel foi também enriquecido por três adições – Susana, Bel e o Dragão e o Canto das Três Crianças. Susana, conto de cores bem vivas, escrito para afetar realmente o procedimento judicial judaico, era colocado no começo do livro de Daniel a fim de penetrá-lo no leitor como um jovem de dons extraordinários. Bel e o Dragão são duas histórias curtas com o propósito de ridicularizar a idolatria. Ambos são claramente sugeridos pelas próprias narrativas de Daniel.

Alguns dos livros Apócrifos, como Eclesiástico, são traduções de obras hebraicas que há muito haviam desaparecido. Eclesiástico é o nome que os gregos deram à Sabedoria de Josué, ou Jesus, o filho de Sirac, que viveu em Jerusalém por volta de 200 A.C. Ele foi um sábio⁴ e sua Sabedoria é a mais comprida de todas as peças de semelhante literatura que tem chegado até nós. Trata de uma variedade de tópicos, principalmente práticos, estudados de maneira fora do comum. Ecos deste livro, antigo e importante, são encontrados na Epístola de Tiago e nos ditos de Jesus, especialmente aqueles que falam do comportamento como se fora um hóspede, objeto sobre o qual Sirac tem muito o que dizer. Ele era grandemente sensível à beleza natural e também um ser muito social, amante da companhia de seu próximo, e muito cômico dos deveres de amizade, família e emprego. Enquanto ele glorificava a Sabedoria como entre os mais elevados atributos de Deus e o alvo dos melhores esforços humanos, soube ver o caráter religioso do trabalho diário do homem; ele disse do fazendeiro, joalheiro, ferreiro e oleiro que, **“eles apóiam a construção do mundo e suas orações estão na prática de seu comércio”** (Eclesiástico 38.30).

Outra grande obra de literatura de Sabedoria que encontramos nos Apócrifos é a Sabedoria de Salomão, assim chamada porque Salomão foi o ideal dos sábios. Foi na realidade escrito no reinado de Calígula, cerca de 38-41 A.D., quando os judeus estavam sendo perseguidos em Alexandria. Esta obra teve marcada influência sobre Paulo, particularmente quando ele escreveu a carta a Romanos, e o ajudou a formar seu conceito de Jesus, em quem ele viu a incorporação da Sabedoria divina descrita em Sabedoria 7.26 – compare Colossenses 1.15. A mesma passagem em Sabedoria é citada em Hebreus 1.3. De fato, Sabedoria parece mesmo até haver afetado a Cristologia de João (Sabedoria 9.1, 2, comparada a João 1.1-3). A influência de Sabedoria sobre a doutrina cristã da imortalidade é também marcante: **“Deus criou o homem para a imortalidade, fazendo-o a imagem de sua própria eternidade”** (Sabedoria 2.23). Enquanto a parte final do livro apresenta um tom diferente, os primeiros dez capítulos da Sabedoria são a gema da literatura judaica de Alexandria. Não se deve admirar que hajam influenciado Romanos, Colossenses, Efésios, Hebreus e João.

⁴ Sábio, não no sentido de erudito, mas de versado em conhecimentos populares, homem prudente, experimentado, entendido, etc. (Nota do tradutor).

A literatura judaica de ficção encontrou expressão no Egito não somente na história de Susana, mas também nos livros de Tobias e Judite. Tobias foi o judeu padrão e modelo, que resistiu à idolatria, ia regularmente a Jerusalém para as festas, não somente gastando e dando liberalmente, sepultando os mortos, abandonando e observando escrupulosamente o cerimonial da Lei. Mas ele teve infortúnio; tornou-se pobre, desprezado e cego, mas finalmente sua constância é ricamente recompensada. Tudo isto faz de Tobias uma curta história realmente famosa.

Anjos e demônios têm lugares proeminentes em Tobias, assim como acontece em alguns dos principais livros do Novo Testamento. O interesse de Tobias pelo sepultamento dos judeus mortos pelo governo lembra-nos a ação piedosa de José de Arimatéia, muito depois, ao solicitar o corpo de Jesus, dando-lhe um sepultamento judeu, e ajuda-nos a entender o livro. E as palavras de Tobias a respeito de ofertas são ainda ouvidas em algumas Igrejas Cristãs de nossos dias: “Se tendes pouco, não temais em oferecer de acordo com aquele pouco” (Tobias 4.8). Assim Tobias sustentou o velho ideal judaico para os judeus no Egito. No mais antigo *Livro Comum de Oração*, de 1549⁵ Tobias e Sara, não Abraão e Sara, são mencionados como o casal ideal. Tobias era filho de Tobit.

Judite pode ser descrito como uma novela farisaica. A heroína observa a lei relativa aos alimentos e purificações escrupulosamente, embora morta na tenda do general inimigo, quando planejava assassiná-lo, como de fato o fez, livrando assim seu povo de um grande perigo. A incongruência de sua meticulosa observação de deveres religiosos com seu impiedoso assassinio de um homem inconsciente é o que dá à história seu caráter peculiar e interessante ao leitor moderno. Shakespeare colocou em suas filhas os nomes de Judite e Susana.

Primeiro Esdras (“Esdras” é a forma grega de “Erza”) é pouco mais que uma combinação de partes de Segundo Crônicas, Esdras e Neemias. Não é mera tradução, mas uma composição em excelente grego. A única adição real é a história dos três guardiões do rei Dario, que se mantiveram acordados discutindo qual seria a coisa mais forte do mundo. Suas respostas foram submetidas ao rei e sua corte, que concordaram que, enquanto o vinho, o rei e a mulher são fortes, a verdade é mais forte que todos.

As obras históricas mais importantes entre os apócrifos são os dois livros dos Macabeus. São particularmente interessantes ao estudante do Novo Testamento: um conta a história da revolta dos Macabeus do ponto de vista saduceu, e o outro do ponto de vista fariseu.

⁵ O Livro Comum de Oração é o livro de ritual do culto público, da administração dos sacramentos e outros ritos da Igreja Anglicana. Este livro é fruto dos talentos e esforços do Arcebispo Thomas Cranmer (1489-1586) que preparou com material encontrado nos livros de ritual em latim usados na Inglaterra antes da Reforma. (Nota do tradutor).

O Primeiro Livro dos Macabeus conta a história do esforço de um rei sírio para obrigar os judeus a aceitarem o Helenismo,⁶ e a oposição foi oferecida pelos judeus sob a liderança de Judas Macabeus e seus irmãos. Este livro narra esta história até a fundação da chamada Casa dos Hasmoneus por Simeão, o terceiro desses três grandes irmãos. Ele forma uma ligação inestimável entre o Velho e o Novo Testamento, contando-nos uma história heróica. Escrito em hebraico bem no começo do último século antes de Cristo, logo foi traduzido para o grego. Quando o Evangelho de João fala-nos da festa da Dedicção ou Rededicção (João 10.22), refere-se à celebração instituída por Judas Macabeus, quando ele e seus seguidores haviam reconquistado o templo aos sírios e recomeçado o oferecimento de sacrifícios no mesmo (I Macabeus 4.59).

Segundo Macabeus, escrito poucos anos depois, conta a primeira parte desta história, a reconquista do templo por Judas, embora a enriqueça com registro de sonhos, maravilhas e aparências angelicais. Ele é inteiramente farisaico em origem, pois sua história termina com a restauração do culto no templo; isto era tudo em que os fariseus estavam interessados, e o sucesso posterior dos irmãos Macabeus em fazer a Judéia politicamente independente, o fariseu que escreveu Segundo Macabeus resolveu deixar de lado. Para ele a restauração do culto no templo era o verdadeiro clímax da revolta dos Macabeus.

A história terrível dos mártires Macabeus, II Macabeus 7, reflete-se em Hebreus 11.35-38.

Depois da queda de Jerusalém no ano 70 A.D., os judeus prudentes e sábios chegaram à conclusão que o melhor caminho teria sido condescender politicamente com o governo Romano e tentarem tornar-se leais e súditos obedientes do império. Em tal espírito de penitência diante de Deus e ajustamento às novas condições, um judeu egípcio, por volta do primeiro século, escreveu o livro de Baruc, abrigado sob o nome de um amigo e secretário do profeta Jeremias (Jer. 32.12, 16 etc.).

O último livro dentre os apócrifos é um extraordinário grupo de apocalipses de várias épocas conhecido como Segundo Esdras, porque Esdras é figura central. As seis obras que o compõe levam-no a ser datado desde a Guerra Judaica, 66 A.D., aos desastres que arruinaram os exércitos romanos nos dias de Décio, Valério e Zenóbio, 251-270 A.D. Dissolvido em suas partes componentes, ele lança luz sobre um número de períodos do pensamento e experiência dos cristãos e judeus, mas tomado como uma unidade deixa o leitor conturbado e perplexo; Lutero mesmo disse dele, em sua maneira vivaz e corajosa que ele “[o atirou dentro do Elba.](#)”

Alguns que não podem crer que na Primeira Carta de Pedro ou no Apocalipse, Babilônia significa Roma, encontrariam esclarecimento em livros apócrifos como Esdras, Baruc e a Carta de Jeremias, nos quais se fala

⁶ Helenismo é o termo usado para descrever a velha cultura grega, que depois do tempo de Alexandre, o Grande (356-323 A.D.), espalhou-se pelas terras ao oriente do Mediterrâneo. Essa cultura em termos de língua e pensamento, chamou-se Helenismo. (Nota do tradutor).

regularmente de Roma como sendo Babilônia. Isto fazia parte do vocabulário apocalíptico.

Há perigo em ficar-se com uma falsa apreciação da história religiosa cristã e judaica se tentarmos passar diretamente do Velho Testamento ao Novo omitindo os livros apócrifos. Eles fizeram parte dos fundamentos literários do movimento cristão. Eles nos introduzem a personagens dramáticas do Novo Testamento – santos e pecadores, fariseus e saduceus, anjos e demônios. Sua influência se exerceu em cada livro do Novo Testamento. Talvez o que de mais instrutivo eles têm para nós é o contraste entre a atitude cristã e farisaica que eles mesmos fizeram possível.

Pois na última página dos apócrifos, II Macabeus 15.33, Judas, o herói dos fariseus, é encontrado colocando a cabeça de um general sírio assassinado na ponta de um pau e diante do templo, e preparando-se para dar sua língua como pasto às aves. Assim escreveu um fariseu. Mas que contraste com a voz do evangelho: “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste.”

QUESTIONÁRIO

1. Onde apareceram os apócrifos?
2. Em que lugar do cânon eles apareceram em grego, latim e nas mais antigas Bíblias em alemão e inglês?
3. Onde os colocou Lutero?
4. Qual a influência que sua ação teve sobre as Bíblias impressas em inglês?
5. Quais os tipos de literatura que são representados pelos apócrifos?
6. Quais os livros do Novo Testamento que mostraram a sua influência?
7. Quais as grandes idéias do Novo Testamento que eles nos ajudam a compreender?
8. Como eles contribuem para nosso conhecimento de história bíblica?
9. A que grupos familiares ao Novo Testamento eles nos introduzem?
10. Qual é seu livro favorito entre os apócrifos?

CAPÍTULO VI

OS COMEÇOS DO NOVO TESTAMENTO

As primeiras coisas a serem escritas entre os cristãos foram as cartas de Paulo. Ele as escreveu para ajudar o povo, em suas igrejas novas e lutadoras, a ter uma interpretação sadia da nova experiência religiosa à qual ele os havia introduzido. Os problemas tratados eram imediatos, locais e muitas vezes pessoais e ele os apresentou direta e vigorosamente. Ele não tinha idéia de que fosse produzir literatura, muito menos uma escritura. Seus escritos eram simplesmente pessoais ou cartas a grupos, destinados a produzir efeito prático imediato e então desaparecer.

E isto elas realizaram. Foram escritas entre 50 A.D. e 62, e então evidentemente desaparecem, pois o mais antigo evangelho, que veio à luz entre 70 A.D. e 90, mostra desconhecê-las. Paulo possuía ponto de vista definido a respeito de Cristo; pensava que o Mestre era o Messias pré-existente, a corporificação da Sabedoria divina, mas nem Marcos, nem Mateus ou Lucas reflete esta idéia a respeito de Jesus. É evidente que as cartas de Paulo eram desconhecidas entre as igrejas.

Ele havia, entretanto, dito aos colossenses que tomassem a carta que ele estava escrevendo a Laodicéia (provavelmente significando Filemon), e que partilhassem a que lhes dirigia com os propósitos laodicenses (Colossenses 4.16). Isto naturalmente levaria à preservação dessas duas cartas no coração de ambas as igrejas. O próprio Paulo foi quem tomou este passo no sentido de reunir e preservar suas cartas, e o fez inconsciente naturalmente. Seu propósito, ao convidar os colossenses a ler o que ele havia escrito a Filemon, foi o de fazer com que o sentimento cristão das igrejas de ambos os lugares, Colossos e Laodicéia, velasse pela segurança do foragido escravo Onésimo, que ele estava assumindo a triste responsabilidade de enviar de volta a seu senhor Filemon.

Outras igrejas também receberam cartas de Paulo, que estavam guardando e, talvez, lendo em voz alta em suas reuniões, mas nenhuma parece haver pensado em reuni-las até cerca de trinta anos após sua morte. Seu martírio ser-lhes-ia naturalmente grande apelo e provavelmente aqui e ali a igreja desejaria ler suas cartas paulinas em seu aniversário.

Parece que ninguém pensou em colecionar as cartas que porventura pudessem ainda ser encontradas até o aparecimento de Lucas-Atos, com sua notável descrição de Paulo – em suas jornadas e seu trabalho missionário, diante das cortes e multidões, em meio dos tumultos e naufrágios. De fato, foram provavelmente as narrativas sobre Paulo em Atos que impulsionaram alguém a procurar as cartas de Paulo que ainda sobreviviam, e publicá-las.

É curioso observar que se alguém possuía Colossenses e Filemon para começar, o livro de Atos o guiaria a todo o resto das cartas que Paulo escreveu às igrejas e que chegaram até nós. Assim parece provável que algum cristão asiático, talvez de Laodicéia ou Colossos, possuidor de Colossenses e Filemon, impulsionado pela leitura da história de Paulo em Atos, sáisse imediatamente à

procura de outras cartas que porventura Paulo pudesse haver escrito às igrejas mencionadas em Atos.

Certamente alguém, logo depois da aparição de Lucas-Atos, reuniu e publicou as cartas de Paulo às sete igrejas, provavelmente prefixando à coleção uma carta introdutória aos cristãos de todos os outros lugares (nossa carta aos Efésios), recomendando-lhes a coleção como o trabalho de um homem que havia labutado, escrito e sofrido para levar a mensagem cristã aos gregos (Efésios 3.1-11).

Esta é a explicação da grande rapsódia sobre a salvação cristã com a qual começa a cartas aos Efésios, capítulo 1. Podereis bem imaginar um homem que acabara de ler as cartas de Paulo pela primeira vez – o primeiro homem que jamais as lera – lançando-se a uma investigação estática das bênçãos da experiência cristã assim como Paulo as descrevera. Não se admire que ele fale com tal entusiasmo a respeito do gênio religioso de Paulo e seus grandes dons espirituais (3.3-4). Em Efésios a mensagem paulina é apresentada em termos gerais, ausentes os toques locais contemporâneos. Seu alvo é interessar os cristãos em geral na mensagem das cartas paulinas (3.3-4), que possuíam muito o que contribuir para o grande movimento a que atingira o Cristianismo.

É claro que as cartas de Paulo foram colecionadas e publicadas depois do aparecimento de Lucas-Atos e antes que o Apocalipse fosse escrito, e isto se depreende do fato que, enquanto Lucas, escrevendo nas vizinhanças de Éfeso (Atos 20.17-38) por volta de 90 A.D., não as conhecesse, o escritor do Apocalipse, escrevendo dentro da mesma área poucos anos depois (pois Domiciano, 81-96 A.D. é ainda imperador), está tão impressionado com a coleção de cartas paulinas que, embora escrevendo um Apocalipse, começa seu livro com um grupo de cartas às sete igrejas e um prefácio por uma carta geral a todas as sete. Mas todos os escritos cristãos da geração seguinte revelam influência das cartas de Paulo já colecionadas: o Apocalipse, Hebreus, I Clemente, I Pedro, o Evangelho de João, as cartas de Inácio e Policarpo, e poucos anos depois Timóteo, Tito e II Pedro.

A chuva repentina de cartas de instrução cristã que agora desce sobre as igrejas – Apocalipse, Hebreus, I Clemente, I Pedro, Inácio, Policarpo, João – oferece evidência posterior da influência da coleção de cartas paulinas. Foi exatamente esta coleção de cartas de Paulo que tornou claro aos mentores cristãos que este era o meio ideal para transmitir o ensino, levando-os a adotá-lo. E isto, é claro, se se observar o largo uso feito da carta individual como meio de instrução cristã; não só isto, mas também a produção de coleções de cartas – no Apocalipse (cartas às sete igrejas), Inácio (sete cartas), e João (três cartas, uma geral, uma à Igreja e uma pessoal).

Desde o tempo que as cartas de Paulo foram primeiro colecionadas e publicadas, elas começaram a exercer uma influência poderosa sobre a vida e o pensamento cristãos, que jamais cessou; mas grande espaço de tempo deveria ainda passar antes que elas fossem lidas publicamente na igreja como escritura, lado a lado com o Velho Testamento. Mesmo assim esta coleção de cartas de Paulo foi o primeiro passo na direção do Novo Testamento que estava para vir.

O movimento que produziu os evangelhos começou com o Evangelho de Marcos, escrito em Roma, mais ou menos ao tempo da queda de Jerusalém em 70. A.D. O Evangelho de Mateus se fez seguir cerca de dez anos mais tarde, em Antioquia, enquanto os dois volumes de Lucas, Lucas-Atos, provavelmente apareceu em Éfeso por volta de 90 A.D. Mas estes livros que nós instintivamente colocamos juntos, não foram assim agrupados pela Igreja Primitiva. Mateus na realidade reproduziu Marcos e o substituiu; quinze dezesseis avos de Marcos reaparecem em Mateus, e Lucas usou três quintos de Marcos. Tomando os três evangelhos juntos, entre um terço e a metade de seu material é repetição. Mas eles não foram escritos para aparecer juntos, cada um seria usado em separado. Na realidade o Evangelho de Lucas deveria ser o primeiro volume de seu livro sobre o aparecimento do Cristianismo.

Cedo no segundo século – cerca de 110 A.D. – um quarto evangelho foi escrito, o Evangelho de João. Tornou-se claro que o campo do Cristianismo era o mundo grego, e o novo evangelho tomou a si a responsabilidade de apresentar as verdades cristãs de modo inteligível e atrativo aos gregos. Esta foi uma atrevida apresentação e reconstrução da nova religião. Poucos anos depois de seu aparecimento, ele foi combinado com os outros três em um grupo de quatro – Mateus, Marcos, Lucas e João – e estes juntos apresentaram uma tal variedade de valores religiosos que nenhum evangelho de “per si” poderia competir com o grupo. Mateus se manteve por algum tempo como um livro separado, mas em poucos anos o quádruplo evangelho como um grupo alcançou uma proeminência que desde então mantivera.

Esta combinação de evangelhos não surgiu, entretanto, como escritura; o motivo da coleção foi primeira e provavelmente só auxiliar a influência do Evangelho de João, ao combiná-lo com seus velhos rivais e assim alcançando ouvintes para si da parte daqueles que se haviam relacionado a este ou aquele. Foi por sua completa utilidade prática-religiosa que os quatro evangelhos foram apreciados e circularam no segundo quartel do segundo século.

Certo número de livros do segundo quartel do segundo século mostra familiaridade com o quádruplo evangelho – a Pregação de Pedro, II Pedro, o Evangelho de Pedro, as Interpretações de Páprias de Hierápolis, a Epístola dos Apóstolos, o novo Evangelho do Museu Britânico e a Apologia de Justino. Em todos estes livros os Quatro Evangelhos se refletem.

Por outro lado, Marciano, o armador de navios do Ponto, que fez esforços frenéticos para reavivar Paulo e atirar ao lado o Velho Testamento, em cerca de 140 A.D., preferiu Lucas aos outros evangelhos. Ele foi o primeiro homem que tentou organizar uma escritura cristã, isto é, um corpo de escritos cristãos que tomasse o lugar da Bíblia judaica no culto cristão. Marciano encontrou muitas coisas no Velho Testamento que eram repugnantes ao seu senso de moral cristã, e assim ele advogou o abandono das escrituras judaicas como um todo, colocando em seu lugar no culto público uma coleção cristã, consistindo do Evangelho de Lucas e dez cartas de Paulo. Ele alcançou grande sucesso em sua reorganização de igrejas cristãs sobre esta nova base, mas finalmente suas igrejas o consideraram herege. A Igreja estava muito ligada ao Velho Testamento para abandoná-lo. Mas sua idéia de uma escritura cristã para ser lida nas igrejas sobreviveu e auxiliou a formar o movimento por um Novo

Testamento poucos anos depois. Somente quando isto aconteceu, o Novo Testamento foi colocado lado a lado com o Velho e não no lugar desse.

Ao mesmo tempo a coleção dos quatro evangelhos se elevava firmemente na estima cristã. Quando Justino escreveu sua Apologia, ao redor de 150 A.D., em Roma, ele descreveu a maneira pela qual o culto cristão era conduzido. Ele se convertera em Éfeso em cerca de 135 A.D., mas viveu seus últimos anos em Roma, onde suas obras foram escritas. Pelo modo que ele escreve, seus escritos podem ser localizados em qualquer das cidades, mas isto se deu certamente em Roma e nos meados do segundo século. Justino diz que o irmão que presidia os cultos lia “as Memórias dos Apóstolos ou os Escritos dos Profetas” diante da congregação, “tanto quanto o tempo o permite.”

Memória dos Apóstolos é o nome que Justino dá aos Evangelhos, e é claro que por volta de 150 A.D., a igreja de Roma os lia lado a lado com os Profetas (significando Velho Testamento) no culto de domingo. Entretanto o mesmo não se dava com as cartas de Paulo, que os cristãos romanos hesitavam em usar como escritura, parcialmente, porque Marciano fora tão fortemente a seu favor. De qualquer modo, enquanto Marciano e seus seguidores usavam Lucas e dez cartas de Paulo como escritura em suas reuniões, muitos cristãos, certamente aqueles de Roma, estavam lendo os quatro evangelhos ao lado da versão grega do Velho Testamento. Se esses grupos rivais desejassem e fossem capazes de combinar suas escrituras cristãs, teriam se dado bem em seus esforços para alcançar nosso Novo Testamento.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as razões para que se reunissem as cartas de Paulo?
2. Quando e onde isto se fez?
3. Qual foi seu propósito?
4. Qual efeito teve sua publicação sobre a literatura cristã?
6. Quando os Evangelhos foram ajuntados primeiro?
7. Qual foi o propósito original de sua publicação como uma coleção?
8. Qual a inovação no culto cristão advogada por Marciano?
9. Que escrituras conheceu Justino em uso entre as igrejas de seu tempo?
10. Como seria a combinação de suas escrituras em comparação com a nossa?

CAPÍTULO VII

O PRIMEIRO NOVO TESTAMENTO

O segundo século foi de grande atividade sectária no Cristianismo. Tipos errados de ensino ou prática começaram a se infiltrar nas igrejas antes do ano 100 A.D. Depois dos misteriosos “Nicolaitas” do Apocalipse 2.6, 15, vieram os Docetistas, que ensinavam ser Cristo muito divino para sofrer, e deveria somente ter revelado sofrer na aparência sem que na verdade o houvesse; os Gnósticos, os Marcionitas e lá por 175, os Montanistas.

Alguns desses líderes sectários, como Marciano, tentaram organizar e unir todas as igrejas sob sua bandeira, com suas doutrinas e dogmas particulares. Justino disse que quando ele escreveu, 150-160 A.D., Marciano possuía grandes multidões de seguidores em todas as nações. O perigo que tais movimentos constituíam ao desenvolvimento normal do Cristianismo foi mais agudamente sentido quando líderes cismáticos como Montano surgiram no terceiro quartel do segundo século. Os Montanistas professavam ser profetas e diziam falar sob inspiração divina. Seu fundador, Montano, intitulava-se Paráclito, o “Confortador,” ou Auxiliador, de acordo com João, capítulo 14. Tertuliano tornou-se montanista antes de morrer.

Na presença de perigos como estes, os líderes cristãos, particularmente em Roma, assumiram a responsabilidade de realizar uma mais próxima organização das muitas igrejas, independentes e muito distantemente relacionadas. Um aspecto da plataforma pela qual os cristãos romanos agora procuravam unir as igrejas era a posse de uma escritura cristã definida, lado a lado com o Velho Testamento. De fato, para se opor com sucesso ao Montanismo nada era mais necessário do que fixar os limites da Escritura inspirada, pois tantos montanistas diziam-se eles próprios inspirados.

Isto deve ter tido lugar aproximadamente em 175 A.D., pois encontramos este movimento em favor de uma organização refletido em três fontes principais.

Primeiro, em Irineu, de Leão, que, cerca de 185 A.D., escreveu sua famosa “Refutação ao Gnoticismo” (literalmente “Conhecimento assim falsamente chamado”), cujo trabalho usualmente se intitula “Contra Heresias.”

Irineu veio de Éfeso, mas escreveu suas obras em Leão, na Gália. Com Tertuliano, de Cartago, e outros líderes cristãos de seus dias, ele sentiu que a esperança das igrejas estava no retorno de especulações e *ismos* contemporâneos à fé dos apóstolos, e, como a única igreja no mundo ocidental que poderia arrogar-se contato com eles era a igreja que estava em Roma, ele apontou seu tipo de Cristianismo como o mais puro e o único a ser seguido pelas igrejas do oeste. É interessante notar que homens tão distantes um do outro, como Tertuliano no Norte da África e Irineu na Gália, ambos sentiram deste modo, isto é, seguir a liderança da igreja de Roma ao decidir qual era o genuíno Cristianismo. Isto leva-nos a pensar que novo movimento tinha sua fonte naquela cidade.

Tertuliano escreveu seus livros, principalmente em latim, nas vizinhanças de Cartago, o primeiro centro do Cristianismo latino, quase no fim do segundo ou nos primeiros anos do terceiro século. Um fragmento curioso de escritos cristãos chamado pelo nome de seu descobridor, o Fragmento Muratoriano, é nossa terceira testemunha a respeito do aparecimento do Novo Testamento, pois ele fornece uma lista dos livros cristãos que poderiam ser lidos publicamente nas igrejas. Este fragmento de três páginas de um escrito cristão primitivo, talvez obra de Vitor de Roma, no fim do segundo século, dá-nos a lista aceita na própria Roma por volta de 200 A.D.

Todas estas três testemunhas concordam que os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João poderiam ser lidas. Os quatro eram considerados como uma unidade – o Evangelho – uma parte por Mateus, outra parte por Marcos, e assim por diante. A publicação dos quatro juntamente, cinquenta anos antes, havia tão bem anunciado aquele tipo de literatura, que uma chuva de evangelhos “apócrifos” apareceu como resultado, mas nenhum destes foi capaz de fazer face ao grande quarteto e nenhum deles jamais encontrou lugar no Novo Testamento.

Ao lado desta grande coleção de antigos evangelhos apareceu a grande coleção de dez cartas de Paulo; estas duas coleções desde o começo do Novo Testamento formou seu corpo principal. Mas o próprio nome do livro de Irineu revela que aquilo que conhecemos como Cartas Pastorais já havia sido acrescentado à coleção paulina, isto é, Timóteo e Tito, pois Irineu cita uma frase de I Timóteo 6.20, “conhecimento (gnosis) falsamente assim chamado.” As Cartas de Paulo haviam já sido acrescentadas de Primeiro e Segundo Timóteo e Tito, que livravam Paulo de qualquer suspeita de favorecer Marciano por sua aceitação do Velho Testamento (II Tim. 3.15-17), e repúdio do bem conhecido livro de Marciano, as Antíteses ou Contradições (I Tim. 6.20). Irineu, Tertuliano e o autor do fragmento Muratoriano concordam com a ampliação das cartas paulinas, das dez que se encontravam na lista de Marciano, para treze, pela adição das três Pastorais.

Cada uma destas grandes coleções já havia sido considerada como Escritura em um grupo ou outro de igrejas cristãs, mas agora eram combinadas e autorizadas para uso no culto público.

Por este tempo elas também foram unidas e encardenadas juntas numa maneira excelente pela adição do segundo volume de Lucas, sob o nome de Atos dos Apóstolos. Naturalmente isto clareava grandemente a relação histórica de Paulo e suas cartas à narrativa do evangelho, mas Atos foi acrescentado menos por seu interesse histórico, tão vivamente sentido, do que pelo serviço que este livro poderia prestar ao atribuir à figura dos apóstolos, que agora assumiam nova importância na controvérsia com as seitas, a decisão do que era genuíno no Cristianismo ou não. Tudo que pudesse servir para ligar esta nova coleção de escrituras com os apóstolos, os seguidores pessoais de Jesus, era muito importante.

Algumas cartas pequenas, trazendo os nomes de Judas, Pedro e João ajudaram a servir a este interesse e a fortalecer o laço entre os apóstolos e a nova coleção de escrituras. Irineu reconhecia uma carta de Pedro, e uma ou duas de

João; o escritor Muratoriano, duas de João e uma de Judas; e Tertuliano, uma de cada: de Pedro, João e Judas. Neste ponto os Novos Testamentos de Leão, Roma ou Cartago parecem haver variado um pouco um do outro.

Outro ponto de variação entre eles foi em matéria de Apocalipses. Pois cada um deles conheceu e aceitou em seu Novo Testamento dois apocalipses: Irineu, o Apocalipse de João e o Pastor de Hermas; o escritor Muratoriano, o Apocalipse de João e o Apocalipse de Pedro; e Tertuliano, o Apocalipse de João e por um pouco de tempo o Pastor de Hermas, embora mais tarde repudiasse este último. O Apocalipse de Pedro era uma pequena obra horrível, escrita entre 125 e 150 A.D., descrevendo o céu e o inferno, e tentando mostrar como a punição era terrivelmente designada para adaptar-se ao crime da vítima. Pastor era uma obra do Cristianismo Romano, escrito lá pelo começo do segundo século a fim de mostrar a possibilidade de arrependimento do pecado depois do batismo, que Hebreus parecia negar (Hebreus 6.4-6). O Pastor ensinava que alguém poderia arrepender-se de tal pecado e ser perdoado uma vez, mas somente uma.

Cada um desses primitivos Novos Testamentos acrescentam até vinte e dois livros – exatamente o total a que Josephus diz haverem os judeus de seus dias limitado sua Bíblia hebraica. Mas isto bem poderia ser mera coincidência. Certamente os livros da Bíblia grega que os cristãos usaram no segundo século jamais foram contados daquela maneira; eles eram aproximadamente cinquenta e não vinte e dois.

Deve ser lembrado também que os cristãos do Egito incluíam número ainda muito maior em suas escrituras cristãs no fim do segundo século do que os cristãos de Roma. Por exemplo, Clemente de Alexandria incluía Hebreus entre as cartas de Paulo, e o manuscrito Chester Beatty⁷ (relativo às cartas de Paulo, escrito cerca de 200 A.D.) traz Hebreus logo depois de Romanos, sendo sua ordem Romanos, Hebreus, Coríntios, etc. Mas isto foi quase duzentos anos antes que Hebreus fosse aceito no ocidente como carta de Paulo, e assim merecedor de um lugar nas Escrituras.

O Cristianismo egípcio inclinava-se a aceitar como escritura quase tudo que fosse edificante; criam que o que inspirava era inspirado. Eram também facilmente inclinados a aceitar tudo o que reclamava autoridade apostólica. Clemente, que escreveu em Alexandria entre 190 e 212 A.D., incluía o Apocalipse de Pedro e O Pastor de Hermas como escritura. Ele também aceitava a Carta de Clemente de Roma aos Coríntios e a Carta de Barnabé como apostólicas. Tudo isto não parece tão estranho quando lembramos que nosso mais velho e completo Novo Testamento incluía muitos destes curiosos escritos; o manuscrito Alexandrino (do quinto século) tendo a Carta de Clemente logo depois do Apocalipse e o manuscrito Sinaítico (quarto século) tendo Barnabé e o Pastor de Hermas ali. Estes manuscritos aproximam-se muito do uso corrente em Alexandria lá pelo ano 200.

⁷ Manuscrito Chester Beatty é um papiro encontrado no Egito e adquirido por Mr. Chester Beatty; exceção feita ao manuscrito 957, é o mais antigo original conhecido. Contém partes do Velho e do Novo Testamento. É a mais sensacional descoberta no campo da crítica textual e teve lugar no inverno de 1930-31. Estudado em detalhes, foi publicado na Inglaterra por Sir. Frederic O. Kenyon. (Nota do tradutor).

Enquanto o conflito com os cismáticos por volta de 175 A.D. levou o Cristianismo ocidental a organizar seus escritos cristãos baseados na autoridade apostólica para situar-se ao lado da Bíblia judaica é evidente que muitos dos livros que ele aceitou na nova coleção haviam estado em uso pelos cristãos há muito tempo, e haviam encontrado um lugar de utilidade indispensável na vida das igrejas. O que era feito agora era principalmente reconhecer o lugar que as grandes cartas de Paulo e os Quatro Evangelhos haviam já conseguido na estima e serviço cristãos. Estes grandes corpos de obras cristãs são agora reunidos e suplementados por Atos dos Apóstolos, duas ou três cartas gerais e um ou dois apocalipses.

Estes são os livros que o Cristianismo romano, lado a lado com o gaulês e o norte-africano, agora se propunham a aceitar como autoridade no que era cristão e apostólico, e para ser lido no culto público ao lado do Velho Testamento grego. Neste período, o último quartel do segundo século, o nome de “Novo Testamento” (literalmente “Pacto ou Concerto”), descrito por Jeremias e aplicado na Epístola aos Hebreus à religião cristã (8.8-12), começou a ser usado em relação a este novo corpo de escrituras cristãs, enquanto às escrituras judaicas chamavam-se Velho Testamento. Teoricamente eles eram iguais como autoridade religiosa, mas não praticamente, pois como Harnack uma vez mostrou, o Velho Testamento é sempre interpretado para concordar com o Novo, nunca o Novo com o Velho.

QUESTIONÁRIO

1. Que seitas apareceram no segundo século?
2. Qual era a posição dos Montanistas?
3. Que medidas tomaram os líderes cristãos para proteger o Cristianismo?
4. Que escritores ou obras cristãs lançam luz sobre esta questão?
5. Por que as igrejas do ocidente seguiram a Igreja de Roma?
6. Que livros continha o Novo Testamento de Roma?
7. Qual o número deles que já havia sido usado no culto público?
8. Como pode ser isto comparado à posição dos cristãos egípcios daquele tempo?
9. Qual a luz que os grandes manuscritos do Novo Testamento lança para o esclarecimento das práticas cristãs no Egito?
10. Como os líderes cristãos encontraram lugar para sua nova escritura ao lado de sua velha Bíblia grega?

CAPITULO VIII

O NOVO TESTAMENTO COMPLETO

A igreja de Roma e outras igrejas do ocidente continuaram a usar este Novo Testamento de vinte e dois livros durante pelo menos cem anos. Hipólito, de Roma, no começo do terceiro século aceitou-o, assim como o fez Cipriano, de Cartago, no meio do século.

Mas o Cristianismo do oriente e do ocidente, Alexandria e Roma corriam caminhos diferentes. Orígenes, contemporâneo de Cipriano, e grande erudito⁸ alexandrino, possuía um Novo Testamento de padrão maior. Orígenes conhecia bem as diferenças entre as igrejas sobre o que deveria ser incluído no Novo Testamento, e como ele era mais um erudito do que um clérigo, não aceitava soluções simples, mas analisava o problema.

Orígenes dividiu os livros do seu próprio Novo Testamento em duas classes – os livros reconhecidos e os discutidos. Ele os aceitava a todos, mas sabia que alguns recusavam-se a aceitar certos livros, e este fato ele admitia com razão.

Sua lista de “reconhecidos” contendo livros que todos os cristãos aceitavam como escritura, consistia dos quatro Evangelhos, catorze cartas de Paulo (incluindo Hebreus), os Atos, duas cartas Católicas,⁹ 1 Pedro e 1 João, e o Apocalipse de João – vinte e dois livros.

Seus livros “discutidos” eram: a Carta de Tiago (que nenhum escritor antigo incluiu em seu Novo Testamento), II e III João, II Pedro, Judas, a Carta de Barnabé e o Pastor de Hermas.

O Novo Testamento de Orígenes, como vemos, é obtido pela combinação dos livros aceitos com os discutidos, que perfazem vinte e nove livros ao todo, ou dois mais do que temos hoje em nosso Novo Testamento – Barnabé e o Pastor. Mas a menos que alguém pense que isto foi algum engano da parte de Orígenes, este é precisamente o conteúdo do mais velho manuscrito de todo o Novo Testamento que chegou até nós – o Códice Sináítico, escrito em meados do quarto século, que termina com Barnabé e o Pastor de Hermas.

Setenta e cinco anos depois da morte de Orígenes, outro cristão do oriente, Euzébio de Cesaréia, tentou esclarecer a vexatória questão: que deveria ser Novo Testamento. Euzébio foi o pai da história da Igreja, e terminou sua história da igreja em 326 A.D. Enquanto a discussão que faz desta matéria é menos clara do que a de Orígenes, é certo que o Novo Testamento de Euzébio é mais semelhante ao nosso do que o foi o de Orígenes, pois Euzébio omitiu o Pastor de Hermas e Barnabé. Por outro lado a obra de Dionísio, bispo de Alexandria, sobre o Apocalipse, havia grandemente abalado a fé da igreja oriental naquele livro, e seu lugar no cânon foi se tornando inseguro. O que levava Dionísio a hesitar era o fato do mesmo homem possuir ao mesmo tempo

⁸ “Erudito” é usado aqui para traduzir o vocábulo inglês “scholar.” (Nota do tradutor).

⁹ Católico no sentido de universal. (Nota do tradutor).

o ponto de vista do Apocalipse e do Evangelho de João, ou ser capaz de escrever ambos os livros. Estudos modernos concordam com ele plenamente, e não tenta fazer dos dois livros a obra do mesmo João. Mas a igreja oriental sentia que se o Apocalipse não era obra de um apóstolo, não deveria pertencer ao Novo Testamento.

Esta dúvida a respeito do Apocalipse tem prevalecido sempre na igreja oriental e muitos manuscritos gregos medievais do Novo Testamento o omitem; ligeiramente falando, os manuscritos gregos que o contém são duas vezes menos que os que o omitem. Outros livros disputados que o próprio Euzébio rejeitou no Novo Testamento foram os Atos de Paulo, o Pastor de Hermas, o Apocalipse de Pedro, a Epístola de Barnabé e o Ensino dos Apóstolos, que alguns cristãos orientais, provavelmente no Egito, evidentemente continuam a aceitar como escritura cristã.

Que essas obras curiosas tiveram seus advogados cerca do ano 300 A.D. é visto pela lista de livros da escritura copiados no manuscrito de Clermont que contém as cartas paulinas, atualmente na Biblioteca Nacional em Paris. O manuscrito foi escrito no sexto século, mas a lista deve ter sido copiada de um muito mais velho, pois ela inclui Barnabé entre as epístolas católicas e coloca no fim do Novo Testamento o Pastor de Hermas, os Atos de Paulo e o Apocalipse de Pedro. O mesmo conceito egípcio de inspiração que havia ampliado as escrituras judaicas no Egito pela incorporação dos Apócrifos às mesmas, estava presente trabalhando para um maior Novo Testamento do que seria permitido pela Igreja de Roma. Temos visto como Clemente de Alexandria, cerca de 200 A.D., acrescentou Hebreus às cartas de Paulo, e aceitou o Apocalipse de Pedro e o Pastor de Hermas ao lado do Apocalipse de João; ele também aceitou a Carta de Clemente e a Epístola de Barnabé em sua lista de Epístolas Católicas; também citou a Pregação de Pedro e o Ensino dos Apóstolos como escrituras – fazendo um Novo Testamento de trinta livros. Assim, desde o primeiro aparecimento de uma escritura cristã no Egito, ela possuiu uma lista realmente inclusiva.

Outra grande figura do Cristianismo egípcio foi Atanásio. Ele tornou-se bispo de Alexandria depois do Concílio de Nicéia (325 A.D.) e ocupou aquele cargo por quase cinquenta anos. Foi banido por algum tempo para a Gália e conheceu o ocidente bem como o oriente. Realmente dele pode ser dito haver conhecido o mundo cristão dos seus dias desde o Alto Egito até à Bélgica.

Era seu costume enviar uma carta por ocasião da Páscoa às igrejas de sua diocese, e em 367 A.D. o assunto tratado em sua carta dizia respeito aos livros a serem lidos na Igreja. Sua lista de livros do Novo Testamento é como a que temos hoje. Mas ele acrescenta o Ensino dos Apóstolos e o Pastor de Hermas, como excelente leitura para o povo recebendo preparação e instrução cristã para ingressar na igreja. Ele menciona cinco livros que conhecemos como apócrifos e também bons para esse propósito – a Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Sirac, Ester (com as adições gregas), Judite e Tobias.

Pode-se ver que, com Atanásio, o conteúdo do Novo Testamento estava finalmente assentado, mas a diversidade de prática continuava a existir entre as igrejas do oriente e ocidente. O primeiro mestre cristão no ocidente a aceitar

Hebreus como paulina foi Hilário de Poitiers, que morreu em 367 A.D., exatamente no ano da carta de Páscoa de Atanásio.

É interessante o estudo de outros grandes líderes do Cristianismo no século que se seguiu. O maior dos intérpretes do Novo Testamento foi Crisóstomo, notável pregador e patriarca de Constantinopla. Seus sermões perfazem a totalidade de doze grossos volumes. Ele saiu de Antioquia, onde um Novo Testamento mais curto era aceito. Sua Sínopsi das Santas Escrituras registrava catorze cartas de Paulo, quatro Evangelhos, os Atos e três cartas católicas. Este era exatamente o conteúdo da grande versão padrão em Siríaco, a Peshitto, que surgiu em 411 A.D., poucos anos depois da morte de Crisóstomo. Repetidos esforços foram feitos no sentido de forçar a igreja síria a aceitar um Novo Testamento de vinte e sete livros, como o de Atanásio, mas em vão. O Cristianismo siríaco tem se apegado sempre ao curto Novo Testamento chamado Peshitto.

Crisóstomo teve grande influência para uma melhor compreensão do Novo Testamento, e muito do que há de melhor em nossos modernos comentários vem diretamente dele. Mas ele não venceu a batalha contra Atanásio sobre o que deveria aparecer no Novo Testamento. Teodoreto de Cyrhus (386-458), que havia crescido, como ele, em Antioquia, concordava com este Novo Testamento menor, mas outro grande vulto de Antioquia, Teodoro, bispo de Mopsuestia, na Cilícia, não possuía as cartas católicas em seu Novo Testamento; este consistia dos Evangelhos, dos Atos e Paulo.

Gregório de Naziahzo, na Capadócia (329-389), um dos quatro “doutores” da igreja oriental (junto com Atanásio, Crisóstomo e Basílio), aceitava quatro Evangelhos, os Atos, catorze cartas de Paulo e sete cartas católicas ou “gerais,” mas não o Apocalipse. Era esta a forma comum e que continuou por muito tempo a ser usada no oriente.

Amfilóquio de Icônio, que morreu em 394, aceitou os quatro Evangelhos, os Atos e catorze cartas de Paulo, observando que alguns erradamente omitiam Hebreus. “Das cartas católicas” – disse Amfilóquio – “alguns dizem sete, outros somente três – uma de Tiago, outra de Pedro, e uma de João.” “Alguns aceitam o Apocalipse de João, mas a maioria dizem-no anticanônico.” Quão bem informado era Amfilóquio!

Por este tempo já o Novo Testamento havia sido traduzido para o latim, e em 382 A.D., Jerônimo, o grande erudito da igreja do ocidente, começou sua revisão. Ele visitou o oriente, e passou grande parte de seu tempo na Palestina, trabalhando sobre o Velho Testamento. Conhecia bem as dúvidas que haviam prevalecido no ocidente sobre a inclusão da carta aos Hebreus entre as de Paulo, mas ele a incluiu em sua edição revista do Novo Testamento Latino, embora observasse que “era costume dos latinos não aceitarem isso.”

A versão de Jerônimo, a Vulgata Latina, tornou-se a Bíblia padrão da Europa Ocidental, e é ainda a versão oficial da Igreja Católica Romana. Seu Novo Testamento contém exatamente aqueles livros que Atanásio havia relacionado em sua carta de 367 A.D. – vinte e sete livros, com os quatro

Evangelhos, os Atos, catorze cartas de Paulo, sete Epístolas e um apocalipse, o de João.

Os escritores dos manuscritos latinos alcançaram mais sucesso em colocar o Novo Testamento todo em um único volume do que seus colegas gregos. Poucos cristãos gregos na Idade Média tiveram ou viram o Novo Testamento em um só volume; usualmente ele se compunha de três ou quatro volumes. A forma mais compacta e conveniente na qual ele circulou no ocidente, auxiliou muito a dar-lhe forma definitiva e a fixar-lhe o conteúdo e o extenso número de manuscritos sobreviventes da Vulgata Latina – alguma coisa além de dez mil – ajuda-nos a compreender sua vitória. Ainda havia flutuações no conteúdo do Novo Testamento aqui e ali na Idade Média, mas em geral seu conteúdo permaneceu mais ou menos definitivamente fixado.

Esta fixidez foi naturalmente completada pela invenção da imprensa. Foi para auxiliar na multiplicação de cópias da Bíblia latina que a imprensa foi inventada, e o primeiro livro impresso com caracteres móveis eram Saltérios ou Bíblias, naturalmente em latim. Foi provavelmente em 1456 que a grande Bíblia de 42 linhas em latim foi impressa em Mainz e daquele tempo em diante a impressão da Bíblia latina aumentou grandemente. A invenção da imprensa colocaria ponto final ao longo processo de determinação do conteúdo do Novo Testamento.

QUESTIONÁRIO

1. Que contribuição fez Orígenes ao desenvolvimento do Novo Testamento?
2. Quantos livros continha seu Novo Testamento de Roma?
4. Em que é ele comparável ao Novo Testamento Sinaítico?
5. Em que o Novo Testamento de Euzébio pode ser comparado ao de Orígenes?
6. O que trouxe dúvidas sobre o Apocalipse no Oriente?
7. Qual foi o Novo Testamento de Clemente, predecessor de Orígenes?
8. O que Atanásio tinha a dizer sobre os livros a serem lidos na Igreja?
9. Qual a posição de Crisóstomo na matéria?
10. Qual a posição tomada por Jerônimo na Vulgata Latina?
11. Qual o efeito que a imprensa teve nessa história toda?

CAPÍTULO IX

A BIBLIA EM GREGO, LATIM, ALEMÃO E INGLÊS

Já vimos que a versão grega das Escrituras hebraica havia sido a Bíblia da Igreja Primitiva. Ela já continha dez livros que não se encontravam na Bíblia judaica da Palestina, mas que surgiram entre os judeus do Egito, que também haviam produzido a versão grega da Bíblia hebraica. Estes livros que mais tarde vieram a ser chamados apócrifos, não estavam separados do resto da Bíblia grega, mas espalhados entre seus livros.

Quando Jerônimo revisou a Bíblia latina, nos fins do quarto século ou começos do quinto, ele notou sua ausência nas Escrituras hebraicas da Palestina, mas nem por isso deixou-os de lado em sua Vulgata Latina, contentando-se ele mesmo em designá-los “Apócrifos,” isso é, livros secretos ou misteriosos. Assim eles continuaram a pertencer à Bíblia latina como pertenceram à grega, espalhados entre os outros livros.

A Bíblia latina foi traduzida para o alemão no século catorze, e, naturalmente, esses apócrifos foram traduzidos como parte da mesma. Assim nas numerosas Bíblias alemãs impressas que apareceram entre 1466 e 1522 e nas Bíblias Católicas em alemão que se seguiram, esses apócrifos foram incluídos.

Eles também encontraram lugar na primeira Bíblia inglesa conhecida, aquela produzida por John Wyclif e seus auxiliares, Hereford e Purvey, em 1382. Esta Bíblia foi traduzida da Vulgata Latina e, naturalmente, incluía os livros a que chamamos de apócrifos. Isto assumiu duas formas, pois Purvey levou o trabalho a uma segunda edição revista. Ela circulou, naturalmente, em manuscrito e, como era difícil de adquirir-se e sua leitura não muito fácil, seu sucesso não foi muito grande. O inglês em que ela foi escrita estava também distante daquele do século dezesseis, quando os verdadeiros fundamentos da Bíblia inglesa foram lançados, como sabemos.

Alguns exemplos da Bíblia inglesa de Wyclif serão interessantes de ser lidos.¹⁰

“Nyl yee deme, that yee be not demede, for in what dome yee demen yee schulen be demede” (Mat. 7.1-2). “I am a verrey vyne, and my fadir is an erthe tilier” (João 15.1). “Sue yee charite” (1 Cor. 14.1). “Men of Athenes, by all thingis I se yiou as veyne worschipers” (Atos 17.22). “Bilevest thou kyng agripa to prophetis? I woot for thou bilevest” (Atos 26.27). “Bretheren nyl yee be made chyldren in wittis, but in malice be ye litil, fosothe in wittis be yee parfite” (I Cor. 14.20).

Diz-se frequentemente que houve traduções inglesas da Bíblia anteriores a Wyclif; se isto é verdade, elas desapareceram sem deixar nenhum manuscrito conhecido. O fato é este: enquanto há sugestões aqui e ali de traduções parciais,

¹⁰ Estes exemplos de Wyclif foram deixados no corpo desta tradução para dar idéia, àqueles que conhecem bem inglês, de quão arcaico era o inglês de Wyclif. (Nota do tradutor).

coabrindo esta ou aquela parte do texto, não há evidência de nenhuma tradução completa anterior a Wyclif, e a evidência de traduções parciais não é suficiente. Este silêncio dos manuscritos é fortemente corroborado pela expressa proibição por uma autoridade da igreja depois de outra das traduções em inglês. Através da convocação de Oxford, em 1408, o Arcebispo Arundel expressamente proibiu a tradução de Wyclif, e o prefácio do Novo Testamento de Rheims (católico) admite francamente que tais traduções não haviam sido previamente permitidas.

Wyclif foi auxiliado em sua tradução por seu aluno, Nicolau Hereford, que traduziu a maior parte do Velho Testamento. Os seguidores de Wyclif percorreram o país lendo a nova Bíblia ao povo que não poderia lê-la por si próprio; estes eram os Lolardos, cujo trabalho, embora sofrendo perseguição cruel e freqüente, agiu por um século e meio e auxiliou a preparar a Inglaterra para a Reforma.

Depois da morte de Wyclif em 1384, seu associado, John Purvey, revisou sua tradição e é esta revisão, completada em 1388, que aparece na maioria dos manuscritos da tradução, cujo número eleva-se a cento e oitenta. A versão de Furvey não foi impressa até 1731 e a de Wyclif não apareceu impressa até 1848. De fato, ambas as formas de tradução há muito tempo deixaram de ter qualquer uso prático religioso, pois sua dicção era arcaica e elas haviam sido substituídas bem cedo, no século dezesseis por uma nova tradução, pelo movimento liderado por Willian Tyndale.

O defeito de todo este trabalho de Wyclif e seus companheiros foi, naturalmente, o não haver ele baseado sua tradução nos originais hebraicos e gregos, mas na versão latina de Jerônimo. Mas nos dias de Wyclif isto era o melhor que poderia ser atingido, pois o grego era uma língua morta na Inglaterra daquele tempo, e o próprio Wyclif, embora mestre no Balliol College, de Oxford, não lia grego.

Parece haver sido Erasmo quem chamou a atenção para a necessidade de traduções da Bíblia em vernáculo, aquela língua usada pelo povo e também ao alcance de seu entendimento. As autoridades da igreja há muito haviam se declarado hostis a traduções da Bíblia latina. Mas quando em 1516 Erasmo publicou a primeira edição do Novo Testamento Grego a aparecer impressa, ele escreveu em seu prefácio: “[Eu discordo veemente daqueles que não permitem a particulares a leitura das Sagradas Escrituras, nem as permitem ser traduzidas em língua vulgar... Eu desejo que todas as mulheres, mesmo meninas, leiam os Evangelhos e as cartas de Paulo. Eu desejo que sejam traduzidos em todas as línguas de todos os povos.](#)”

É certo que Lutero quase imediatamente assumiu a responsabilidade de preencher, para o Cristianismo alemão, a necessidade que Erasmo havia indicado, pois em 1522 ele produziu sua tradução do Novo Testamento Grego de Erasmo em alemão vulgar. Lutero fez grandes esforços para dar sentido ao Novo Testamento Grego quando traduzido para o alemão, fazendo-o em vocabulário e expressões idiomáticas próprias.

Lutero avaliava qualquer escritura somente na proporção que ela “ensinasse a Cristo.” “Was treibt Christus”¹¹ era seu teste. Visto desta maneira, alguns livros, mesmo do Novo Testamento, ficaram atrás de outros em sua estima. Os de menor valor eram Hebreus, Tiago, Judas e o Apocalipse. Estes livros ele não poderia excluir inteiramente do Novo Testamento, mas ele os colocou juntos no fim do mesmo, separando-os do resto por sua própria enumeração, de modo que eles apareciam quase como um apêndice. Os outros ele os numerou de 1 a 23, mas a estes quatro nenhum número lhes atribuiu. Mas todos os vinte e sete livros estão presentes em seu Novo Testamento, embora ligeiramente desarranjados.

Lutero fez seguir sua tradução do Velho Testamento com uma tradução do Velho Testamento hebraico em quatro partes. Estas eram publicadas em intervalos, à medida que eram completadas. Enquanto isso a tradução alemã do Novo Testamento estava circulando aos saltos e pulos, indo de edição em edição. Diz-se que oitenta e cinco edições vieram à luz entre 1522 e 1533, ou antes que a Bíblia toda fosse terminada.

Mas quando Lutero terminou sua tradução do Velho Testamento hebraico, ainda restava uma inteira série de livros que estavam na Bíblia latina, a Vulgata, e com uma exceção também na velha Bíblia grega, mas não na Bíblia hebraica – a pequena biblioteca miscelânea que Jerônimo há muito chamara de Apócrifa. Lutero agora os traduzia e publicava-os em 1534 como a última porção de sua Bíblia completa, que fez sua aparição naquele mesmo ano.

A tradução de Lutero foi tão bem feita que veio a servir como base do alemão como linguagem literária; sua Bíblia é considerada como o começo da literatura alemã. Ela assentou tão alto o padrão de tradução que por séculos nenhum outro esforço foi feito para traduzir a Bíblia em alemão; isto parecia supérfluo. Mesmo dentro dos últimos cinquenta anos, que testemunharam grande número de esforços para traduzir o Novo Testamento Grego em inglês vulgar, os esforços para uma tradução moderna alemã para o vernáculo têm sido poucos e infrutíferos.

O arranjo que Lutero fez dos últimos livros do Novo Testamento, na realidade sua depreciação de alguns deles, influenciou Tyndale em seu arranjo dos mesmos e seu tratamento para com eles; de fato, John Rogers, em sua Bíblia de 1537, ainda segue Lutero ao colocar Hebreus, Tiago, Judas e o Apocalipse no fim do Novo Testamento. Até mesmo a Grande Bíblia de 1539 reproduz a ordem de Lutero em seu índice, mas estranhamente abandona aquela orientação no índice da página-título do Novo Testamento, e também no arranjo final dos livros, pois Hebreus e Tiago na realidade seguem Filemon, e Judas segue III João. Isto é, Hebreus segue as cartas de Paulo, Tiago começa as Epístolas Católicas e Judas é o fim delas. Assim a Grande Bíblia arranja os últimos livros do Novo Testamento de três diferentes maneiras: em seu índice, no índice que aparece na página-título do Novo Testamento, e no arranjo dos livros para a impressão.

¹¹ “O que faz Cristo.” (Nota do tradutor).

De maior importância foi a influência de Lutero sobre o lugar dos apócrifos na Bíblia inglesa. Seu procedimento em juntando esses livros e os colocando como um grupo depois do Velho Testamento foi seguido por todas as antigas Bíblias inglesas, exceção feita ao Velho Testamento Católico de 1610, no qual, naturalmente, eles foram espalhados por todo o Velho Testamento, pois aquela tradução foi feita da Vulgata Latina, e a seguiu na colocação dos livros.

As Bíblias inglesas continuaram a imprimir os apócrifos juntos, entre o Velho e o Novo Testamentos, até que a repugnância Puritana a muitas coisas sobre eles levou-os a serem deixados de lado silenciosamente na Bíblia de Genebra. Isto aconteceu muito cedo em 1599. Até mesmo exemplares da Bíblia do Rei Tiago de 1611 surgiram que os colocavam de lado ocasionalmente, e isto bem cedo em 1629. Mas eles ainda continuam teoricamente como partes da Bíblia completa.

Foi na realidade a influência de Lutero que levou praticamente os livros apócrifos a serem retirados da Bíblia, pois se ele não houvesse primeiro segregado esses livros, os puritanos não os haveriam eliminado tão facilmente e de uma vez.

Hoje dificilmente se pode encontrar uma Bíblia inglesa que possa ser tomada pela mão e que seja publicada do outro lado do mar, que inclua a Bíblia inteira, Velho Testamento, Apócrifos e Novo Testamento. A Imprensa das Universidades de Cambridge e de Chicago são os únicos editores meus conhecidos que possuem tais edições. E, quer queiramos ou não, os apócrifos formam parte integrante da história da Bíblia inglesa, desde Coverdale até à do Rei Tiago, e para qualquer estudo literário, estético ou religioso da Bíblia, eles são indispensáveis.

QUESTIONÁRIO

1. Por que os apócrifos possuem esse nome?
2. Em que lugar eles aparecem nas antigas Bíblias gregas e latinas?
3. Em que lugar estavam eles nas primeiras Bíblias alemãs e inglesas?
4. Quem fez a primeira tradução inglesa da Bíblia?
5. Como a igreja considerou as traduções da Bíblia para o inglês?
6. Que uso foi feito desta primeira tradução inglesa?
7. De que texto foi ela traduzida?
8. Que disse Erasmo a respeito das traduções modernas da Bíblia?
9. Em que texto baseou Lutero sua tradução da Bíblia?
10. Como ele organizou o Novo Testamento?

11. Como ele organizou o Velho Testamento?
12. Que o levou a fazer assim?
13. Quais alguns dos efeitos da tradução de Lutero?
14. Que aconteceu com os apócrifos?

CAPÍTULO X

A BÍBLIA EM PORTUGUÊS¹²

A história da Bíblia em português é cheia de lances dramáticos e tão antiga quanto a da Bíblia inglesa, pois os primeiros ensaios de tradução datam dos tempos do rei D. Diniz (1279-1325), antes mesmo de Wyclif. A primeira porção traduzida foi os vinte primeiros capítulos do Gênesis, da Vulgata latina, pelo próprio rei D. Diniz. Mas o Novo Testamento só mais tarde foi traduzido para o português, talvez uns cinquenta anos depois de Wyclif, quando D. João I era rei (1385-1433), o qual ordenou a tradução dos Evangelhos, dos Atos e das Cartas Paulinas, trabalho que foi executado provavelmente por padres católicos e certamente da Vulgata. A publicação das porções acima do Novo Testamento se adicionou o livro dos Salmos, traduzido pelo próprio rei.

Outras traduções, sem grande importância para a história da Bíblia em português, seguiram-se. De acordo com a tradição, a Infanta D. Filipa, filha do senhor Infante D. Pedro e neta do rei D. João I, traduziu os Evangelhos do francês, O Frei Cisterciense Bernardo de Alcobaça traduziu da Vulgata o Evangelho de Mateus e parte dos outros, publicando seu trabalho em Lisboa no século quinze. Em 1495 uma Harmonia dos Evangelhos foi publicada em Lisboa por Valentim Fernandes. No mesmo ano um jurista chamado Gonçalo Garcia de Santa Maria traduziu as Epístolas e os Evangelhos. Dez anos depois os Atos e as Epístolas Gerais foram traduzidos por ordem da rainha Leonora. A linguagem portuguesa destes primeiros ensaios é arcaica. Algumas destas tentativas usaram um português tão arcaico como o inglês de Wyclif.

O futuro da Bíblia em português dependia, entretanto, de João Ferreira de Almeida, nascido em Torre de Tavares, próximo de Mangualde, Portugal, em 1628. Seu primeiro trabalho foi a tradução do espanhol de um resumo dos Evangelhos e Epístolas. Este não foi publicado. Mais tarde (1644-1645), com dezessete anos de idade somente, ele traduziu o Novo Testamento da versão latina de Beza. Anos depois ele sente a necessidade de apresentar o Evangelho ao povo de Portugal numa tradução mais séria. Após aprender grego e hebraico, começou sua tradução do Novo Testamento tendo como base o chamado "Textus Receptus," segunda edição de 1633, publicada por Elzevir. Este trabalho ele o findou em 1670, mas a publicação só teve lugar em 1681, em Amsterdam, na Holanda, cujo título "O Novo Testamento Isto he o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Iesu Christo traduzido na Língua Portuguesa" revela o tipo de linguagem usada. Antes que sáisse do prelo sua tradução, em 1º de Janeiro de 1681, Almeida publicava uma lista de mais de mil erros em seu Novo Testamento, e Ribeiro dos Santos afirma serem mais. Estes erros eram devidos ao trabalho de revisão feito por uma comissão holandesa que procurou pôr a tradução de Almeida em harmonia com a versão holandesa. Algumas razões levam-nos a crer haver sido esta uma versão pobre no dizer de Ribeiro dos Santos. O texto grego do qual ele traduziu não era bom, embora fosse o melhor do tempo. Sua linguagem não era boa não só por haver deixado Portugal muito cedo, mas também porque tentou fazer uma tradução literal, seguindo muito de perto a versão holandesa de 1637 e a castelhana de Cipriano de Valera de 1602. Também o trabalho de revisão, como já dissemos, feito por seus colegas

¹² Este capítulo foi escrito pelo tradutor.

holandeses, piorou ainda mais seu trabalho. Os reflexos da edição de Beza são grandes.

Apesar de tudo, a tradução de Almeida encerra algumas coisas notáveis. Ela teve lugar em Batávia, na ilha de Java, milhares de quilômetros longe de Portugal. Realizou-se numa terra cuja língua oficial não era o português. Era a décima terceira tradução numa língua moderna depois da Reforma. Feita por um pastor protestante, destinava-se a um país católico, como Portugal, que só poderia receber de bom grado uma tradução do Novo Testamento feita diretamente da Vulgata. E o mais dramático lance de sua grande obra é que até hoje em terras de Portugal, do Brasil e colônias, sua tradução, que já sofreu inúmeras reformas, ainda é usada e querida.

Somente no começo do século dezoito a Bíblia inteira, na tradução de Almeida, foi publicada.

Foi Antônio Pereira de Figueiredo, filho de Mação, Portugal, onde nasceu em 14 de Fevereiro de 1725, quem realizou a primeira grande tradução da Vulgata para o português. Seu trabalho consumiu-lhe dezoito anos de esforços. O Novo Testamento apareceu primeiro, em 1781 e a Bíblia toda, em seis volumes, pouco depois. A linguagem de Figueiredo é inegavelmente superior à de Almeida. Alguns fatores contribuíram para esta melhora. Figueiredo possuía cultura muito superior à de Almeida e ele traduzia a Bíblia e publicava seu Novo Testamento exatamente um século depois da obra imortal de Almeida. Embora revelando sensível melhora quanto ao português da tradução, Figueiredo não pode escapar aos defeitos de uma tradução que tem por base a Vulgata que, no parecer de um erudito na matéria¹³ mera revisão do Velho Latim, textos antigos do Novo Testamento, vertidos do Grego, que Jerônimo usou para seu trabalho e com tendências peculiares. A tradução de Figueiredo tem sido usada pela Igreja Romana e, depois da aprovação da rainha D. Maria II em 1842, já sem os livros apócrifos, conseguiu entrada em Portugal e colônias, em publicações feitas pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

Além do trabalho de revisão proposto pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, sob os auspícios de duas comissões, uma em Portugal e outra no Brasil, sem frutos positivos, isto em 1886, a tradução de Figueiredo aparece em 1896 numa curiosa edição, na qual o texto latino da Vulgata surge em colunas paralelas à sua tradução portuguesa. Esta edição foi também ilustrada com cerca de mil gravuras e porque publicada sob os auspícios da Igreja Romana, incluía os apócrifos. Em 1932 nova edição sob o nome de Figueiredo foi publicada pela Livraria Católica do Rio de Janeiro, porém o texto era baseado na tradução popular do Padre Santos Farinha, com comentários baseados em vários teólogos católicos.

A primeira tradução da Bíblia iniciada no Brasil foi pelo refugiado Bispo de Coimbra, Frei D. Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, o qual publicou só o Novo Testamento em São Luís, Maranhão, em 1875, sendo o trabalho de impressão feito em Portugal.

¹³ Kenyon, Frederie, Handbook to the Textual Criticism of the New Testament (Grand Rapids, W. M. Eerdmans Pub. Co.), pág. 218.

O século vinte viu florescer no Brasil uma série grande de traduções do Novo Testamento e da Bíblia toda, tanto do lado Protestante como da Igreja Católica. Duas tentativas sem grande importância tiveram lugar. D. Duarte Leopoldo e Silva, traduz e publica os Evangelhos, arranjados como uma harmonia. Depois o Colégio da Imaculada Conceição, Botafogo, Rio de Janeiro, publica uma tradução dos Evangelhos e Atos, do francês, preparada por um padre católico, em 1904.

Os Padres Franciscanos iniciam um trabalho de versão na Bíblia em 1902 e, embora traduzindo da Vulgata, tentaram fazer um trabalho realmente crítico. Sua edição dos Evangelhos e Atos apareceu em 1909.

Estava reservada ao então Padre Huberto Rohden a primeira tradução diretamente do texto grego para o português. Isto ele o fez num trabalho começado quando estudante na Universidade de Innsbruck, Alemanha (1924-1927) e terminado no Brasil. Publicado sob os auspícios da Cruzada da Boa Imprensa, organização Católico-Romana, trazia o imprimatur do Censor e do Bispo de Santa Maria, R.G. Sul. Sua tradução, apresentando linguagem muito bela, traz ainda os defeitos de um texto base não muito firme e as tendências e preconceitos de todo o tradutor católico, o que é fácil de ser verificado num exame minucioso de sua tradução.

O trabalho do Padre Matos Soares, a versão mais popular da Igreja Romana no Brasil nos dias que correm, é realmente pobre. Traduzindo a Bíblia inteira da Vulgata, inclusive os apócrifos, seu trabalho não poderia ser dos melhores desde que o texto base de sua tradução é pobre, sendo já uma tradução latina do original grego e com tendências peculiares como já foi dito acima. Sua tradução é altamente tendenciosa e cheia de preconceitos. Ele procura intercalar entre as palavras e frases do texto bíblico palavras suas de esclarecimento que às vezes somam maior espaço que o do texto sagrado propriamente dito. Haja vista o que se lê em II Tim. 2.13:

“Se não cremos (*se formos infiéis*),
ele permanecerá fiel (*às suas promessas*),
não pode negar-se a si mesmo (*deixando de nos castigar*).”

As palavras entre parêntesis e em grifo são interpolações do tradutor e representam mais de cinquenta por cento de todo o texto. Estas interpolações, como no texto acima, ou em II Tim. 3.8-9, 5.9a-11, são altamente tendenciosas e procuram inculcar princípios dogmáticos de sua Igreja. Notas no rodapé como em Daniel 10.13, Marcos 8.27, 30, etc. revelam uma candura e inocência a toda a prova. Exame minucioso do texto grego e sua tradução, como, por exemplo no caso da palavra grega *thusia* (sacrifício), mostra o esforço que o tradutor realiza para doutrinar através de uma tradução. Esta tradução mereceu apoio papal em carta do Vaticano, datada de 1932.

A Tradução Brasileira, iniciada em 1904 por uma comissão sob a direção do Dr. H. C. Tucker, e terminada em 1917 com a publicação de toda a Bíblia, não vingou em terras do Brasil e Portugal. Entre 100 Bíblias vendidas pela

Sociedade Bíblica do Brasil, somente 8 são exemplares da Tradução Brasileira, diz a Revista da Bíblia n.º 31, de 1956. A dicção portuguesa foi grandemente melhorada e as frases revelam gosto pela língua; também muitas das expressões orientais ficaram de lado.

A obra de Almeida foi coroada com a última revisão da Bíblia por uma comissão que trabalhou no Rio de Janeiro desde 1945, sob os auspícios da Sociedade Bíblica do Brasil.

Trabalho magnífico onde se melhorou sensivelmente a linguagem e a própria tradução. Mas cremos algo melhor poderia ainda ser alcançado não fora o texto grego base que serviu à revisão e a impossibilidade para aquela comissão de um trabalho crítico textual. Também uma modernização de termos expressando conceitos geográficos e matemáticos, como medidas de tempo, volume e extensão, moedas, etc. Alguns textos envolvendo questões teológicas também poderiam ter outra tradução se ventilados em atmosfera mais livre. Todavia esta tradução exprime grande avanço e revela nossa capacidade em matéria de tradução.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os primeiros ensaios em matéria de tradução da Bíblia em português?
2. Qual o primeiro grande trabalho de tradução dela feita em terras do Brasil?
3. Onde, quando e como foi feito?
4. Que pode dizer sobre a obra de Antônio Pereira de Figueiredo?
5. Qual a primeira tradução da Bíblia ou porção dela feita em terras do Brasil?
6. Que pode dizer sobre o trabalho do Padre Matos Soares?
7. Foi a tradução de Almeida revisada recentemente?
8. Já leu esta revisão? Qual a sua apreciação?

CAPÍTULO XI

DESCOBERTA DE MANUSCRITOS E TRADUÇÕES PARTICULARES

Somente alguns anos depois que surgiu a tradução do Rei Tiago (1611), foi trazido a Londres (em 1628) um manuscrito grego da Bíblia que fez profunda impressão sobre os eruditos Ingleses. Ele foi enviado ao rei Carlos I pelo Patriarca de Constantinopla, Cirilo Lucar, e continha o Velho Testamento na versão grega dos Setenta junto com o Novo Testamento Grego. Ele foi chamado Codice Alexandrino, ou manuscrito Alexandrino. Foi escrito no século quinto, e sua grande antiguidade chamou a atenção para o tipo de texto que ele continha. Ele é agora um dos principais tesouros do Museu Britânico.

Outros manuscritos de idade quase igual têm sido trazidos à França ou Inglaterra, e eruditos ingleses vieram a perceber que neles um texto do Novo Testamento mais antigo e original deveria ser encontrado. Esta convicção resultou numa série de esforços individuais da parte dos eruditos para traduzir este texto mais antigo em inglês, e isto introduziu um novo e esquecido capítulo na história da Bíblia inglesa.

Uma destas primeiras traduções particulares foi a de W. Mace, publicada em Londres em 1729, junta com um texto grego do Novo Testamento, descrito como “o texto original corrigido pela autoridade dos mais autênticos manuscritos.” Poucos anos depois, em 1745, William Whiston, o tradutor de Josephus, publicou seu Novo Testamento Primitivo, traduzido diretamente destes três principais manuscritos gregos então conhecidos, em Cambridge, Londres e Paris. William Whiston era professor de matemática em Cambridge, tendo sucedido Sir Isaac Newton naquela posição.

Em 1755 João Wesley publicou sua tradução do Novo Testamento. Ela foi intitulada: “O Novo Testamento com notas, para homens incultos que conhecem somente sua língua materna.” Este tem alcançado grande influência, especialmente entre wesleyanos ingleses. Em 1789-91 Gilbert Wakefield, um erudito de Cambridge, publicou uma tradução vigorosa. O Arcebispo Newcome publicou uma nova versão em Dublin, em 1796.

Nos Estados Unidos, Charles Thomsom que, como secretário do Congresso Continental escreveu seus registros por suas próprias mãos, traduziu toda a Bíblia grega, o Velho Testamento, da Versão dos Setenta, e o Novo Testamento do original grego, em 1808. Esta foi a primeira versão inglesa dos Setenta que foi depois independentemente traduzida na Inglaterra por Sir Lancelot Brenton, em 1844. É curioso que ambos, Thomson e Brenton omitiram os apócrifos de suas traduções. Thomson foi influenciado a fazer sua tradução por uma carta de seu amigo Thomas Jefferson.

Em 1826 Alexander Campbell revisou e publicou em Buffalo, Virgínia (U.S.A.), o Novo Testamento traduzido por George Campbell, James MacKnight e Philip Doddridge, e sua tradução, “Os Escritos Sagrados” largamente usado por Campbell em seu trabalho religioso e educacional. Em 1833 Noah Webster, cujo dicionário alcançou tão grande influência, produziu uma revisão da Bíblia com a finalidade de corrigir e modernizar sua dicção.

Enquanto isso os manuscritos do Novo Testamento que vinham à luz tornavam necessária uma completa revisão do texto grego do Novo Testamento, e uma série de edições revistas do Novo Testamento Grego levava esse testemunho em todos os lugares. O famoso manuscrito Vaticano da Bíblia Grega, escrito no quarto século, estava tornando-se reconhecido como a melhor de nossas fontes para o texto do Novo Testamento. Entre 1850 e 1870 o progresso em estudos de manuscritos foi particularmente notável. E o novo conhecimento dos textos originais antigos refletia-se firmemente nas traduções em inglês.

Enquanto descobertas de manuscritos eram numerosas, estas foram dramatizadas particularmente pela descoberta de Tischendorf em 1859, num convento no Monte Sinai, do manuscrito Sinaítico. Este possuía o Novo Testamento inteiro, incluindo Barnabé e o Pastor de Hermas, e cerca de um terço do Velho Testamento, e, como o manuscrito Vaticano, fora escrito no quarto século. Esta descoberta magnificente tornava impossível desconsiderar a influência do progresso dos estudos do texto grego sobre a Bíblia inglesa, e conduziu, em 1870, à ação da Convocação de Canterbury, a metade sul da Igreja da Inglaterra, a tomar iniciativa para revisar a Bíblia.

Enquanto isso eruditos em crítica textual como Alford e Tregelies trabalhavam arduamente, e Westcott e Hort já haviam começado sua revisão do Novo Testamento Grego. Nos Estados Unidos, autoridades Católicas e Protestantes haviam publicado traduções revistas do Novo Testamento, os católicos, naturalmente, baseados sobre o texto da Vulgata Latina, não sobre o grego. Foi o Arcebispo Kenrick que produziu esta revisão católica em 1846-51. Entre 1842 e 1869 trabalho assaz competente foi feito nos Estados Unidos em revisando ou retraduzindo o Novo Testamento Grego por Kendrick, Norton, Conant, Anderson e Noyes.

Os revisores ingleses aceitaram a cooperação americana, e sob a liderança do Dr. Philip Schaff organizou-se uma Comissão Americana de Revisores, que trocou pontos de vista com a Companhia Inglesa por uma série de anos, e teve limitada influência sobre suas deliberações.

Uma das principais regras da revisão inglesa foi que, em qualquer mudança que eles fossem compelidos a fazer, deveriam usar a dicção encontrada na versão do Rei Tiago ou mais velha ainda. Sua linguagem não foi mais moderna do que a do texto que estavam revisando; talvez algo ainda mais antigo. Mas eles realmente fizeram algum progresso ao deixarem refletir-se o novo conhecimento adquirido através de textos originais mais antigos do Novo Testamento, pelo menos aqueles que as descobertas de manuscritos haviam trazido à luz.

A Enciclopédia Britânica diz que o trabalho dos revisores foi recebido sem entusiasmo; mas isto é certamente subestimar seu valor. Diz-se que três milhões de exemplares do Novo Testamento Revisto foram vendidos dentro de um ano após terem vindo à luz. Três dias depois que os livros chegaram a Nova Iorque, em 20 de Maio de 1881, o Novo Testamento foi publicado integralmente em ambos os jornais matutinos de Chicago daquele tempo em seus números do

dia. “Nenhuma outra recepção,” diz o Dr. P. Marion Simms, em “The Bible in America,” “teve jamais outro qualquer livro na história do mundo.” O Velho Testamento foi publicado com o Novo em 1885, e os apócrifos apareceram em 1894.

Mas enquanto os revisores estavam trabalhando e mesmo depois de haverem terminado sua revisão, traduções particulares continuaram a aparecer. Em 1876 Julia Smith publicou em Hartford, Connecticut (U.S.A.), o Velho e o Novo Testamento, traduzidos do hebraico e do grego, mas infortunadamente prejudicados por grave incompreensão da sintaxe hebraica. Ferrar Fenton publicou uma tradução das Epístolas Paulinas, em inglês Moderno, em Londres, em 1883, sentindo, sem dúvida, que a antiga dicção das versões padrão obscurecia o significado. Seu Novo Testamento completo surgiu em 1895, e em 1900 ele publicou o Velho e o Novo Testamento juntos. Seu Novo Testamento foi baseado no texto grego de Westcott-Hort, e seu inglês moderno influente trouxe à tona muito do vigor original do Novo Testamento. Sua obra tem alcançado muitas edições.

O acerto em basear-se as traduções sobre os originais hebraico e grego veio a ser sentido pelas autoridades católicas, e os Jesuítas de Londres completaram recentemente o Novo Testamento, parte do qual eles chamaram a versão Westminster das Sagradas Escrituras, feita não da Vulgata Latina, mas do texto grego, e estão trabalhando para traduzir o Velho Testamento do hebraico.

Enquanto manuscritos gregos do Novo Testamento tão antigos como os que pertencem ao quarto, quinto e sexto séculos podiam ser consultados para estudos textuais que formariam base para um Novo Testamento revisado, eruditos como Tischendorf, Tregelies e Hort davam anos e anos de investigação paciente a seus estudos, não se encontrava nem vinha à luz semelhante abundância de manuscritos hebraicos para auxiliar os estudos do Velho Testamento. Para este somos grandemente dependentes de manuscritos medievais, todos eles parecendo haver se submetido a alguma influência editorial. Isto pode ser atribuído ao fato de que os judeus têm para com suas escrituras até mesmo veneração, pois eles destroem as cópias velhas como deixam de usá-las para protegê-las contra outros usos menos nobres, ou negligência.

Vimos quão valioso é para o estudo do Pentateuco o chamado Pentateuco Samaritano. Mas ao lado deste, velhos manuscritos de versões – antigas traduções do Velho Testamento em siríaco e especialmente em grego – vieram à luz e isto nos capacita a ter vistas mais largas a respeito dos textos antigos antes de muitos dos atuais manuscritos hebraicos terem sido escritos. Notável exemplo foi a descoberta na Biblioteca Rylands, em Manchester, quatro anos atrás de fragmentos de uma tradução grega do Deuteronômio datando de meados do segundo século antes de Cristo. O manuscrito era, naturalmente, em forma de rolo. A coleção Chester Beatty possui uma folha do livro do Deuteronômio e Números, em gregos, datando dos meados ou princípios do segundo século depois de Cristo. De fato o valor dos grandes manuscritos Vaticano, Sináítico e Alexandrino para o Velho Testamento, como já dissemos, é muito grande, porque eles vêm do quarto e quinto séculos.

Não necessitamos examinar a série de modernas descobertas de manuscritos que agora aumentam nossos manuscritos do Novo Testamento Grego no todo ou em parte, desde oito usados por Erasmo em sua edição de 1516, até para mais do que quatro mil. Uma descoberta das mais notáveis foi a de 1906 de um conjunto de Evangelhos em grego do quinto século que M. Freer, de Detroit, trouxe do Egito a este país, doando-o à nação e colocando-o em um edifício que ele mesmo construiu como parte do museu Smithsonian, em Washington.

Mas uma grande biblioteca de manuscritos cópticos, incluindo mais de cinquenta livros, veio à luz no seu todo no Egito em 1910, e foi trazida a este país por Mr. J. P. Morgan. Dez deles são bíblicos, e alguns projetam novas luzes na mais velha das versões cópticas, a sahidica. Outros manuscritos sahidicos do quarto século, recentemente descobertos, têm esclarecido pontos daquela antiga versão.

A mais admirável descoberta de anos recentes foi o papiro Chester Beatty, encontrado no Egito em 1931 – uma dúzia de folhas, onze delas em grego, contendo partes de livros bíblicos copiados no segundo, terceiro e quarto séculos. Três contêm partes do Novo Testamento – os Evangelhos e Atos, as cartas de Paulo e o Apocalipse. De oitenta e seis folhas do manuscrito de Paulo, escrito nos fins do segundo ou começos do terceiro século, trinta estão na biblioteca da Universidade de Michigan. Os manuscritos dos Evangelhos e de Atos vêm da primeira metade do terceiro século; estão, infelizmente, muito estragados. O de Apocalipse cobre quase um terço de seu texto; este pertence ao terceiro século.

Sete livros do Velho Testamento estão representados na coleção, alguns deles por textos extensos, principalmente Gênesis. Estes manuscritos gregos do Velho Testamento datam dos meados do segundo século depois de Cristo até o quarto.

Antes que a crítica bíblica tivesse possibilidades de absorver estes novos materiais, outro achado maravilhoso, de grande antigüidade, foi anunciado, quando, em 1935, Mr. C. H. Roberts disse haver sido encontrado na Biblioteca Rylands um pequeno fragmento do Evangelho de João escrito em letra anterior a 150 A.D. Este pedacinho, folha gasta de um livro possivelmente tão velho quanto o tempo de Adriano, é a mais antiga evidência que temos da existência do Evangelho de João – mais velho do que qualquer menção do Evangelho na literatura cristã.

São volumosas e rápidas as descobertas de mais e mais manuscritos antigos que servem para a reconstrução do texto do Velho e Novo Testamentos. Quando a paz voltar ao mundo¹⁴ e viagens e escavações forem outra vez possíveis, podemos esperar ainda maiores resultados e contribuições para o estudo textual da Bíblia.¹⁵

¹⁴ Goodspeed preparou os manuscritos deste livro nos primeiros anos da segunda guerra mundial. (Nota do tradutor).

¹⁵ Depois que este livro foi publicado, os pastores beduínos de Ta'amireh descobriam a caverna perto do mar Morto donde saíram, na primavera de 1947, os chamados Rolos do Mar Morto.

Mas as descobertas de manuscritos nos vários e diferentes campos já têm alcançado efeitos profundos sobre as traduções do Novo Testamento que elas requerem um especial capítulo neste estudo.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os importantes manuscritos que foram levados à Inglaterra logo depois de 1611?
2. Por que essas descobertas estimularam novas traduções?
3. Indique alguns desses esforços realizados na Inglaterra.
4. Que foi feito nesta direção nos Estados Unidos?
5. Qual a descoberta de manuscrito que atraiu maior atenção?
6. A que importante ação esta descoberta conduziu?
7. Como este trabalho foi recebido?
8. O interesse em traduções bíblicas atenuou-se com esta descoberta?
9. Como comparar o presente número de manuscritos do Novo Testamento com aquele usado por Erasmo?
10. O que as recentes descobertas têm acrescentado às nossas reservas de manuscritos?

Isto teve lugar a cerca de 12 quilômetros de Jericó, nas ruínas antigas chamadas Khirbet Qumran. Nesta caverna de Qumran teve lugar uma das mais notáveis descobertas arqueológicas do século. Antigos manuscritos, datando do segundo ou, pelo menos, do primeiro século antes de Cristo continham um Manual de Disciplina de antiga organização monástica dos Essênios, fragmentos de alguns livros do velho Testamento, entre eles, um manuscrito do livro de Isaías que contribuiu grandemente para o estudo do texto desse livro, sendo o mais antigo manuscrito conhecido atualmente. Outras descobertas posteriores de um sem número de pequenos fragmentos, ainda não totalmente estudados e inéditos, certamente trarão grande colaboração e crítica textual do velho e Novo Testamentos. (Nota do tradutor).

CAPÍTULO XII

OS PAPIROS GREGOS E AS TRADUÇÕES EM MODERNO VERNÁCULO

Quando o Bispo Lightfoot era ainda jovem professor em Cambridge em 1863, disse certa vez o seus alunos, e isto foi registrado por um deles em suas notas: “Se nós pudéssemos descobrir somente as cartas que o povo comum escreveu um ao outro sem qualquer intenção de fazer literatura, teríamos o maior de todos os auxílios para a compreensão da linguagem do Novo Testamento em geral.”

Parece muito pouco provável que tal desejo pudesse ser realizado, mas é uma realidade que os papiros gregos estão já começando a vir à luz das areias do Egito, e estas descobertas, que desde estão têm corrido como verdadeira enchente, têm mostrado que o jovem professor de apenas trinta e quatro anos estava realmente certo. Ele estaria, de fato, maravilhado da profundidade da verdade de sua observação.

Pois os papiros gregos são em mais que noventa e cinco por cento não-literários; eles são documentos da vida ordinária: fatos, arrendamentos, contratos, censuras, notícias, cartas, convites, registros, listas – toda e qualquer espécie de negócios e bilhetes privados que alguém possa imaginar e mais uma centena de coisas que ninguém pode imaginar, tudo escrito em grego familiar, língua de cada dia, o grego vernacular dos tempos do Novo Testamento.

Foi um jovem pastor alemão, Adolf Deismann, que, enquanto examinava alguns documentos papíricos em grego, recentemente publicados, na biblioteca de Heidelberg, no começo deste século, ficou espantado com a semelhança do grego daqueles documentos com o grego do Novo Testamento. Ele via, de fato, o que Lightfoot havia predito trinta anos antes. O Novo Testamento é escrito em grego popular, a fala da vida comum, a linguagem na qual os papiros foram escritos.

Foi esta descoberta que precipitou a onda de traduções do Novo Testamento na língua corrente dos dias atuais que marcou os últimos quarenta anos. Naturalmente deveríamos estar preparados para isso, pois cada grande tradução tem sempre em vista o leitor comum, e tem tentado usar a linguagem da vida ordinária. Tyndale declarou ser este seu propósito ao fazer uma versão que até o moleque da rua pudesse compreender, e os revisores da tradução do Rei Tiago disseram em seu prefácio que a Bíblia deve ser entendida “**mesmo pelo mais vulgar.**” Diz-se que Lutero visitou os açougues para aprender dos açougueiros as palavras alemãs exatas em uso comum em seus dias para designar as várias partes dos animais mortos, de modo que sua tradução do ritual do sacrifício da Lei Mosaica fosse perfeitamente compreensível a todos os leitores alemães.

Mas muito antes de Lutero e Tyndale, o próprio Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios já havia desconsiderado o estilo literário. Os Coríntios o haviam censurado em seu uso do grego (“**rude no falar,**” II Cor. 11.6; veja também I Cor. 2.1, 4), e ele prontamente o admitiu, declarando que não havia

feito assim somente para apresentar graça retórica e assim não mais se dirigiria a eles. Paulo tem sempre declarado que escreveu exatamente grego vernacular e os papiros têm mostrado que ele estava certo no que dizia.

Os Evangelhos, e isto há muito tem sido reconhecido, foram escritos não em grego literário, mas no grego ordinariamente falado naqueles tempos. Eles foram, na realidade, os primeiros livros a serem publicados naquele estilo.

Os papiros resolveram um problema há muito insolúvel no estudo do Novo Testamento – a estranha qualidade do grego nele usado. Pois ele não é grego clássico, nem grego de tradução (como o da Versão dos Setenta), nem mesmo grego literário do primeiro século; ele não se situa em nenhuma dessas classificações, e antigo dito alemão vai mais longe quando diz que ela era “uma língua milagrosa, preparada pela Providência Divina para o propósito da revelação.” Os papiros têm colocado a chave do mistério em nossas mãos. A qualidade distintiva do grego neo-testamentário é seu caráter coloquial: esta descoberta, antecipada por Lightfoot e feita por Deissmann, tem sido firmemente confirmada e apoiada pelas descobertas de papiros nos últimos cinquenta anos. E sobre isto todos os gramáticos do Novo Testamento concordam.

A descoberta do caráter vernacular do grego do Novo Testamento pode ser comparada com outra igualmente importante descoberta no campo do Velho Testamento. Pois, enquanto professor de poesia em Oxford, 1741-44, Robert Lowth descobriu e revelou o princípio de paralelismo que existe na poesia hebraica, matéria de grande importância para a compreensão do Velho Testamento, especialmente os profetas, quase todos poetas. Não podemos censurar os produtores da Bíblia em inglês nos séculos dezesseis e dezessete por imprimir poesia e prosa do mesmo modo, pois não conheciam melhor maneira. Mas é estranho que as Edições Revistas, quer inglesas ou americanas, ainda tratem os grandes profetas poetas Isaías, Miquéias, Amós, Naum e o resto como prosadores! Isto é como se se imprimisse Shakespeare em sólidas colunas de prosa. Nada mais poderia mascarar seu caráter literário e obscurecer seu significado.

Outra descoberta da maior importância para o estudo da Bíblia foi feita no século dezenove, quando a nova ciência da filologia comparada completamente transformou o estudo das línguas, incluindo o hebraico e o grego. O deciframento dos hieróglifos e cuneiformes no mesmo século tornou possível ler os antigos registros do Egito, Babilônia, Assíria e Pérsia, e levantou a cortina da história antiga de modo que os fundamentos históricos, literários e religiosos do Velho Testamento tornaram-se claros.

Esta riqueza de conhecimentos sobre as línguas e registros da Bíblia gradualmente encontrou seu lugar, naturalmente, nas introduções à Bíblia, comentários e dicionários, mas em sua maior extensão isto transbordou estes canais encontrando expressão em novas traduções. A descoberta de Lowth sobre a poesia hebraica ofereceu vantagens especialmente ao Velho Testamento Revisto de 1885, mas os revisores do Novo Testamento de 1870-81 permaneceram ainda sob a impressão de que o Novo Testamento, como muita coisa do Velho, foi escrito em estilo “alto” ou literário.

Mas dentro de vinte anos os papiros mostrariam que este ponto de vista estava integralmente errado; de fato eles convenceram muitos eruditos que a revisão não foi boa nem suficiente; o Novo Testamento pelo menos deveria ser inteiramente retraduzido, se justiça fosse feita a seu caráter vernacular. Pois se o Novo Testamento foi escrito em estilo formal e familiar, somente naquele estilo poderia ser traduzido. Realmente qualquer outro estilo de tradução o obscureceria, pois seria uma tentativa de melhorar o estilo dos apóstolos e evangelistas.

Partindo desta convicção verdadeiro dilúvio de traduções, em vernáculo moderno veio à luz. Um erudito católico, Padre Spencer, traduziu os Evangelhos do grego para o inglês moderno e familiar, em 1898, e o Cardeal Gibbons disse no prefácio: “Ele trabalhou para representar nosso Senhor e os Apóstolos falando, não em um estilo antigo, mas na língua que eles falariam se estivessem entre nós hoje.” O Padre Spencer continuou a traduzir o resto do Novo Testamento, e completou-o antes de sua morte em 1913, mas ele não foi publicado senão em 1937, vinte e quatro anos depois, e quase quarenta anos depois do aparecimento de seus Quatro Evangelhos.

O *Novo Testamento do Século Vinte*, de 1899-1900 resultou da dificuldade que os leitores ingleses comuns, jovens e velhos, encontraram para quebrar a rigidez da “linguagem bíblica” padrão quanto ao seu significado. Este foi o trabalho de um grupo cheio de zelo religioso que tinha visto a necessidade de um Novo Testamento compreensível e embora não sendo autoridades em matéria de Novo Testamento, produziram excelente tradução.

A mesma necessidade impressionou o Capelão F. S. Balletine nos Estados Unidos que começou aquilo que ele mesmo chamou “Uma Bíblia Americana Moderna.” Dois pequenos volumes do seu Novo Testamento apareceram em 1899, e o Novo Testamento completo em 1902.

O Novo Testamento do Doutor Weymouth em moderno vernáculo foi publicado em 1903, depois de sua morte, com fundos levantados por homens que haviam sido educados em sua Escola “Mill Hill,” na Inglaterra. Foi considerada como uma tradução em inglês idiomático de uso diário. Traduções novas continuaram a aparecer de ano para ano, principalmente nos Estados Unidos. Mas outra notável versão inglesa foi a do Dr. James Moffatt, “O Novo Testamento, Uma Nova Tradução,” que veio à luz em 1913.

Ainda o Dr. Ernest A. Beil, da “Night Church,” em Chicago, tão agudamente sentiu a necessidade de melhorar, pelo menos João, de modo que seu povo o pudesse entender; ele traduziu e publicou nova versão desse evangelho em 1922. Esse sentimento foi crescendo entre obreiros religiosos de que as formas padrão da Bíblia inglesa não eram em um inglês suficiente para servir suas necessidades. Isto se refletiu na obra de C. F. Kent, “Novo Testamento Reduzido,” de 1918, uma seleção das mais importantes partes do texto, vestida de uma nova e vigorosa tradução.

Atividade renovada da parte de obreiros americanos encontrou expressão, em 1923, na obra do professor W. G. Ballantine O Novo Testamento

de Riverside, “[uma tradução do original grego em inglês moderno.](#)” No mesmo ano Mrs. Montgomery publicou o primeiro volume – os Evangelhos – de seu Novo Testamento Centenário, e eu produzi “O Novo Testamento, uma Tradução Americana.” Senti como o Capelão Ballentine sentiu muito tempo antes que, se nós tivéssemos que ser zelosos a respeito do caráter coloquial do Novo Testamento Grego, uma versão realmente coloquial deveria ser uma coisa para as Ilhas Britânicas e outra para os Estados Unidos, pois o inglês vernacular é muito diferente nesses dois países. Há mais leitores da Bíblia em inglês neste país do que em qualquer outro, e o tempo parece haver chegado para uma tradução franca e direta do Novo Testamento Grego para o nosso inglês americano, modernamente falado. Realizamos grandes esforços para providenciar versões especiais para asiáticos e africanos de modo que eles possam ler a Bíblia cada um deles em sua própria língua onde quer hajam eles nascido; e por que não fazer o mesmo para nossos próprios jovens e nossos concidadãos de modo geral?

Nos anos que se seguiram, novas traduções, especialmente dos Evangelhos, têm sido numerosas. Ray Allen publicou seu “Marcos” em 1927, e James A. Kleist, um católico erudito, suas “Memórias de São Paulo, ou o Evangelho segundo São Marcos traduzido em inglês de bom sentido,” em 1932. O Novo Testamento do Padre Spencer, completado antes de sua morte em 1913, foi publicado em 1937.

Estas são somente algumas das retraduições do Novo Testamento desde 1900, todas elas na direção de um inglês idiomático mais moderno que é esperado possa fazer no leitor moderno a mesma impressão de simplicidade, retidão e vigor como o Novo Testamento Grego fez em seus antigos leitores. Com estes auxílios é agora possível a leitura dos livros do Novo Testamento, em particular, como unidades coerentes, assim como foram escritos para serem lidos.

Novos conhecimentos de hebraico, história antiga e do Velho Testamento, geralmente também conduziram a novas traduções, embora não tenham sido tão numerosas. Em 1917 os rabinos judeus dos Estados Unidos publicaram uma tradução das Santas Escrituras ou, como sabemos do Velho Testamento, O “Novo Testamento Reduzido” do Doutor Kent, de 1918, seguiu-se poucos anos depois por seu “Velho Testamento Reduzido,” com novas traduções de seleções do Velho Testamento, completando sua Bíblia Reduzida. Livros de seleções da Bíblia têm sido numerosos desde que Edmundo Calamy preparou “A Bíblia de Bolso para o Soldado,” para uso dos exércitos de Cromwell, em 1643. Um dos mais recentes foi produzido por um inglês católico, Ronald Knox, “A Santa Bíblia, Abreviada e Reorganizada” (Londres, 1936).

O professor Moffat publicou uma nova tradução do Velho Testamento do hebraico em 1924 e 1925, depois reunido a seu Novo Testamento para formar a Bíblia. Meu colega, Dr. J. M. P. Smith, liderou um grupo de autoridades semíticas para uma tradução do Velho Testamento que apareceu em 1931, como “A Bíblia – uma Tradução Americana.” Em 1938 publiquei uma nova tradução dos apócrifos, a primeira, fiquei surpreso ao descobrir que tinha sido feita inteira e diretamente do texto grego (exceção feita a I Esdras, não existente em grego), embora alguns livros individuais aqui e ali houvessem já sido traduzidos

do grego por alguns modernos eruditos. Isto nos capacitou a publicar em 1939 uma tradução moderna de toda a Bíblia, realmente completa, o Velho Testamento, os apócrifos, e o Novo Testamento – todo o conteúdo da Bíblia do Rei e todas as seis grandes Bíblias em inglês do século dezesseis.

Assim a última quarta parte do século testemunhou traduções em inglês moderno, não somente do Novo Testamento e mesmo dos apócrifos, todos almejando prover o leitor americano moderno com versões mais acuradas, vigorosas e inteligíveis. Este movimento não chegou ainda a seu fim, mas deve e vai continuar, procurando firmemente manter o leitor da Bíblia capacitado a manter-se em dia com o avanço dos conhecimentos do livro. Qualquer que seja seu nível literário, eles têm distinguido poesia de prosa e uma vez mais tornaram possível a leitura coerente e compreensiva da Bíblia, não como versos isolados, mas como livros contínuos.

QUESTIONÁRIO

1. Que luz lançaram os papiros gregos sobre a língua do Novo Testamento?
2. Que efeito teve esta descoberta sobre as traduções do Novo Testamento?
3. Que descobertas dos séculos dezoito e dezenove têm lançado novas luzes sobre o Velho Testamento?
4. Indique algumas das principais traduções do Novo Testamento feitas na Inglaterra nos últimos quarenta anos.¹⁶
5. Indique algumas feitas nos Estados Unidos no mesmo período.
6. Que novas versões do Velho Testamento apareceram nos últimos vinte e cinco anos?¹⁷
7. Que progresso têm sido feito com os apócrifos?
8. Que valores particulares possuem estas versões modernas que não pertencem também às versões padrão?
9. Que sugerem eles como atitude geral para com a Bíblia hoje em dia?
10. Quão grande tem sido o interesse em tradução em termos de credos, comunhão e denominação?

¹⁶ De 1900 a 1940. (Nota do tradutor)

¹⁷ De 1915 a 1940. (Nota do tradutor)

CAPÍTULO XIII

REVISÃO E SUMARIO

Religião tem sido definida como a vida de Deus na alma do homem. Muito antes que o Velho Testamento fosse escrito, ou mesmo começado, os homens já haviam sentido seu poder. Mas foi deixado para os profetas hebreus do oitavo século antes de Cristo o fazer suas descobertas espirituais de justiça, amor e da santidade de Deus, e o registrá-las em termos inesquecíveis. Avanços posteriores em inteligência e experiência religiosa encontraram expressão no trabalho dos profetas, salmistas, sábios, culminando na vida e ensinamentos de Jesus. É esta literatura de descobertas religiosas que amamos na Bíblia.

Vimos como as escrituras judaicas reuniram-se gradualmente em torno do primeiro livro sagrado dos hebreus, que conhecemos por Deuterônomo, seu nome grego; como o Deuterônomo cresceu e produziu a Lei, e então a este foram acrescentados os Profetas Anteriores e Posteriores, incluindo os livros históricos como Samuel e Reis. Mais tarde ainda, uma inteira literatura de piedade e devoção – hinos, orações, provérbios e reflexões – veio a ser considerada como sagrada também, e a este fato devemos a preservação até nossos dias destas grandes obras do pensamento religioso. Pois todo o resto da literatura hebraica pereceu.

O gênio religioso judaico encontrou posterior expressão, principalmente no Egito, numa série de escritos religiosos, história, sabedoria e ficção, jamais aceitos como escritura pelos judeus da Palestina, mas prezados pela Igreja Primitiva, e que conhecemos como apócrifos. Estes livros gregos, ao lado dos livros da Bíblia hebraica, que têm sido traduzidos em grego, formavam a Bíblia do Cristianismo primitivo e à medida que ela alcançava os círculos cóptico e siríaco no oriente e o latino no ocidente, ela passou para essas línguas.

Enquanto isso o Cristianismo havia criado uma literatura especial e que lhe era própria, não deliberadamente, mas acidentalmente, no decurso do trabalho das Missões Cristãs – o espalhar da nova fé através do mundo de fala grega. Aquele mundo não era uma área geográfica distinta, mas interpenetrada: Antioquia, Egito, Ásia Menor e a própria Roma. Para levar o Evangelho àquele público grego os cristãos escreveram cartas, depois evangelhos foram escritos, livros históricos, apocalipses no velho estilo, sermões, cartas abertas aos cristãos de todo o mundo. Os cristãos liam as escrituras judaicas em seu culto público e cedo começaram a ler os Evangelhos ao lado destas; então as cartas de Paulo, e logo o aparecimento das seitas forçou as igrejas cristãs a definir o que eles entendiam por um Novo Testamento. A princípio não possuíam um Novo Testamento como conhecemos, mas um de vinte e dois livros; mas nos séculos que se seguiram, o exemplo das igrejas do oriente que reconheceu os oito ou nove outros livros como escritura levou o ocidente a adotar o Novo Testamento tão completo como o conhecemos.

As grandes Gregas do quarto século, quando ainda o Cristianismo era livre e podia construir igrejas e ser abertamente praticado, possuem os apócrifos espalhados através do Velho Testamento, e mesmo acrescentam alguns livros – Barnabé, o Pastor de Hermas, Primeiro e Segundo Clemente – ao Novo

Testamento. Estes últimos logo caíram, mas o Velho Testamento no seu todo, somando quarenta e nove livros, passou da Bíblia Grega para o latim e outras antigas versões, e finalmente para as primeiras versões alemãs e inglesas. Foi Lutero quem primeiro separou os apócrifos dos livros do Velho Testamento assim como apareciam na Bíblia hebraica, colocando-os como um grupo depois do Velho Testamento em sua grande versão alemã de 1534, e os produtores das primeiras Bíblias inglesas impressas seguiram seu exemplo. Mas antes de 1600 os Puritanos começaram silenciosamente a retirá-los de suas Bíblias, e por volta de 1629 exemplares da Bíblia do Rei Tiago de 1611 começaram a omiti-los. Agora eles são raramente encontrados nas Bíblias inglesas de qualquer espécie, embora sua importância para melhor compreensão do Novo Testamento seja muito grande.

Afim de servir a causa da religião prática entre o povo comum da Inglaterra, Wyclif fez uma tradução da Vulgata Latina em 1382, e John Purvey revisou-a e a melhorou logo depois. Isto foi feito antes dos tempos da imprensa, naturalmente, e por isso essas versões existiram poucas cópias e era muito difícil conseguir permissão para possuir uma. Elas tiveram pouca influência sobre as Bíblias impressas em inglês que apareceram em profusão quando o movimento da Reforma alcançou a Inglaterra no começo do século dezesseis. Lutero havia publicado seu Novo Testamento alemão em 1522, e William Tyndale começou a Bíblia inglesa com sua admirável tradução do Novo Testamento em 1525. A Bíblia alemã de Zwinglio apareceu em 1530, e Lutero completou sua Bíblia em seis partes em 1534. No ano seguinte Coverdale apareceu com a primeira Bíblia impressa em inglês, construindo tanto quanto pôde sobre o que Tyndale havia realizado, e suplementando seu trabalho com as traduções latina e alemã.

O zelo dos reformadores por uma Bíblia em inglês sempre melhor, produziu quatro Bíblias em quatro anos. Coverdale foi seguido em 1537 por Rogers e ele dois anos depois pela Grande Bíblia e pela obra de Taverner (1539). A Bíblia de Rogers foi a primeira Bíblia inglesa permitida, mas a Grande Bíblia foi a primeira Autorizada. Agora, finalmente, os ingleses ouviram a Bíblia lida na igreja em linguagem que todos eles podiam entender.

A Bíblia de Genebra de 1560 foi a primeira a dividir a Bíblia em versículos e a imprimi-la em modernos e atrativos caracteres. Esta fez muitos e admiráveis progressos em tradução, especialmente nas partes que antes haviam sido traduzidas somente do latim ou alemão – os apócrifos e a segunda parte do Velho Testamento. Com aquela metade incluía Jó, os Salmos e os Profetas, esta melhora foi de grande importância. Sua Oração do Pai Nosso reapareceu cinquenta anos depois quase palavra por palavra na versão do Rei Tiago; esta última simplesmente omitiu “mesmo” e “também,” e aceitou a correção que a Bíblia de Genebra fez a Tyndale, de “transgressões” para “dívidas.”

A “Bishops’ Bible” de 1568 foi aceita como revisão da Grande Bíblia e claramente preferiu sua tradução à da Bíblia de Genebra. Mas os revisores do Rei Tiago – pois a versão do Rei Tiago é simplesmente uma revisão – deram mais valor à Bíblia de Genebra do que a “Bishops’ Bible” havia dado, embora o próprio rei houvesse dito que ele considerava esta a pior de todas as versões inglesas que ele conhecia. Se compararmos a “Bishops’ Bible” com suas

predecessoras imediatas, a Grande Bíblia e a Bíblia de Genebra, sua predileção para com a Grande Bíblia é manifesta; o que é perfeitamente natural, pois esta foi feita como uma revisão de caráter conservador da Grande Bíblia. Mas se compararmos a Bíblia do Rei Tiago de 1611 com suas predecessoras imediatas, a Bíblia de Genebra (1560) e a “Bishops’ Bible” (1568), ela mostra uma preferência notável pelas traduções da de Genebra. E ainda esta era determinada para ser uma revisão muito conservadora da então Bíblia Autorizada, que era a “Bishops’ Bible.”

Em nenhum outro lugar é a influência da Bíblia de Genebra sobre a do Rei Tiago mais notável do que no nome dos profetas, Esai, Jeremie, Osee, Abdias, Micheas, Sophonia, e Aggeus (a da “Bishops’ Bible”) tornando-se Isaiah, Jeremiah, Hosea, Obadiah, Micah, Zephaniah, e Haggai, sob a influência da Bíblia de Genebra.¹⁸ Isto foi, naturalmente, uma simples parte dos conhecimentos de hebraico melhorados que os revisores puritanos fizeram influir sobre o Velho Testamento, da qual o Bispo Horne e o Bispo Grindal, que editaram aquelas partes do Velho Testamento para o Arcebispo Parker, em 1568, não foram capazes de tirar proveito.

Uma comparação chegada da versão do Rei Tiago com a Bíblia de Genebra e a “Bishops’ Bible” mostra também quão pouco era novo na tradução que ela continha. Seus produtores estavam quase que invariavelmente satisfeitos em escolher entre as traduções que eles encontravam já impressas: uma ou outra dessas traduções. Eles eram na verdade revisores e somente num sentido muito reduzido poderiam ser chamados tradutores. Os leves traços com que, no geral, eles melhoraram o texto, entretanto, eram freqüentemente efetivos; como quando a “Bishops’ Bible” tem “Greater love hath no man than this: that a man bestow his life for his friends,” tornou-se na versão do Rei Tiago, “Greater love hath no man than this, that a man lay down his life for his friends.”¹⁹

Por outro lado João 3.16 aparece na versão do Rei Tiago exatamente como estava na “Bishops’ Bible” e na Grande Bíblia.

Com a Bíblia do Rei Tiago o primeiro grande período das traduções inglesas alcançaram seu clímax. Aquele período coincidiu com um grande ressurgimento da expressão literária inglesa ao qual a Bíblia inglesa contribuiu e do qual ela por sua vez muito se beneficiou.

A versão do Rei Tiago, a terceira Bíblia Inglesa Autorizada, foi revista várias vezes em pontos de menor importância nos anos que se seguiram – 1615, 1629, 1638, 1762, 1769 – e uma multidão de pequenos melhoramentos de modo a corrigir numerosos erros de impressão e melhora na grafia das palavras foram silenciosamente introduzidos. Algumas palavras obsoletas foram substituídas. Enquanto isso as descobertas de manuscritos do Novo Testamento mais e mais velhos e avanços no estudo da língua e história estimularam novas traduções, especialmente do Novo Testamento, da parte de eruditos individuais.

¹⁸ É fácil verificar-se que os nomes dos livros do velho Testamento foram aqui mantidos em inglês por força da comparação que faz o autor. (Nota do tradutor).

¹⁹ Os dois versículos foram deixados sem tradução por que, se traduzidos, perderiam o interesse que têm no original para efeito de comparação. (Nota do tradutor).

Tischendorf, descobrindo o manuscrito Sinaítico, chamou a atenção para o assunto e conduziu à revisão inglesa começada em 1870, que resultou no Novo Testamento Revisto de 1881, o Velho Testamento de 1885 e os apócrifos de 1894. A Comissão Americana que cooperou no trabalho deixou para trás uma seleção de leituras que foram incorporadas na Versão Padrão Americana²⁰ de 1901. Os editores, Thomas Nelson e Sons, comprometeram-se a entregar os direitos autorais, depois que dois períodos de catorze anos houvessem decorridos, a algum corpo religioso interdenominacional, e de acordo com esta combinação os direitos autorais foram entregues em 1930 ao Conselho Internacional de Educação Religiosa (U.S.A.). O Conselho voltou-se aos seminários teológicos para conselhos, e fortalecidos por eles organizou um grupo de quinze revisores, a Comissão da Versão Padrão Americana, que tem trabalhado com alguma interrupção desde aquele tempo. Espera-se que seu trabalho de revisão seja completado em dois ou três anos mais.²¹

Recentes descobertas de manuscritos continuaram a ser feitas, a mais nova de um grupo de folhas de um livro de papiro do terceiro e quarto séculos – o papiro Chester Beatty. Traduções particulares têm aparecido em número crescente, especialmente desde que o estudo de inumeráveis documentos em papiro encontrados nos últimos cinquenta anos tem revelado o caráter coloquial do Novo Testamento Grego, fazendo aparecer traduções em vernáculo moderno. Estas traduções vão longe em clarificar o significado do Novo Testamento que elas têm grandemente tomado o lugar dos comentários de um volume.

Os apócrifos têm também se beneficiado desta intensificação moderna de interesse na Bíblia, assim que agora a Bíblia inteira em seu escopo mais largo está à disposição do leitor americano em traduções que aproveitam as maiores vantagens do avanço dos estudos modernos. Este interesse em guardar as grandes mensagens da Bíblia intactas diante do leitor moderno em traduções que não necessitam de ser lidas no versículo por versículo mas nas quais os livros individuais podem ser lidos como um todo coerente, não mostra sinais de desânimo, mas promessas de continuar a desenvolver-se em uma mais profunda compreensão de como as mensagens da Bíblia foram escritas, em lugar de sua incompreensível divisão verso por verso, tendência para uma tradução palavra por palavra e reprodução de sua antiga fraseologia.

QUESTIONÁRIO

1. Que tem a Bíblia a ver com religião?
2. Que estágios podem ser traçados no crescimento das escrituras judaicas?
3. Como surgiram os apócrifos?
4. Qual o uso que a Igreja Primitiva fez dessas coleções?

²⁰ Em Inglês, “American Standard Version.” (Nota do tradutor)

²¹ O Novo Testamento da versão Padrão Revista, “Revised Standard version” foi publicado em 11 de fevereiro de 1946 por Thomas Nelson and sons, em Nova Iorque e simultaneamente no Canadá e Escócia. O Velho Testamento e a Bíblia completa no ano de 1952 pela mesma firma e nos mesmos lugares acima Indicados. (Nota do tradutor)

5. Que escritos cristãos foram primeiro associados com eles na Igreja?
6. Que movimentos religiosos posteriormente influenciaram o primitivo Cristianismo a definir os limites preciosos de suas escrituras?
7. Que fez Lutero com os apócrifos?
8. Quem fez a primeira tradução inglesa da Bíblia?
9. Qual foi a Bíblia inglesa impressa pela primeira vez?
10. Indique as seis Bíblias inglesas que se seguiram.
11. O que precipitou a revisão de 1881-1894?
12. Conte a história da Versão Padrão Americana (American Standard Version).